

# O TRABALHO E A RUA

## Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80

**Ayrton Fausto**

**Ruben Cervini**

*Organizadores*





**FLACSO**

SEDE BRASIL 15º aniversário  
Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

Conselho Editorial

*Alda Judith Alves-Mazzotti*

*Ayrton Fausto*

*Arno Vogel*

*Daniel Jorge Canó*

*Leopoldo Bartolomé*

*Luis Antônio Cunha*

*Marco Antonio da Silva Mello*

*(Coordenador do Programa  
Editorial)*



*“Os artigos deste texto expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as do UNICEF, da FLACSO e da UNESCO.”*

## **O TRABALHO E A RUA:**

### **Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**

**Ayrton Fausto, Ruben Cervini (Org.)**

Programação visual e Capa (sobre fotos de Maurício Bacellar): Carlos Clémen

Preparação de Originais: Helder Garmes

Edição de texto: Adma F. Muhana

Revisão: Celso Duarte, Maria de Lourdes de Almeida, Rita de Cássia M. Lopes

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O Trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. — 2. ed. — São Paulo: Cortez, 1996.

Textos selecionados de estudos e pesquisas apoiados pela UNICEF, FLACSO.

ISBN 85-249-0305-8 (Cortez) ISBN 85-85140-02-X (FLACSO do Brasil)

1. Adolescentes - Brasil - Condições sociais 2. Brasil - Política social 3. Crianças - Brasil - Condições sociais 4. Menores - Trabalho - Brasil 5. Menores abandonados - Brasil I. UNICEF. II. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. III. UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. IV. Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.

91-2545

CDD-362.70981

331.310981

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil: Adolescentes: Problemas sociais 362.70981
2. Brasil: Crianças: Problemas sociais 362.70981
3. Brasil: Meninos de rua: Problemas sociais 362.70981
4. Brasil: Menores: Trabalho: Economia 331.310981
5. Trabalho infantil e juvenil: Economia 331.310981

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos editores

© 1991 by UNICEF/FLACSO/UNESCO

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Bartira, 387 — Tel.: (011) 864-0111

05009-000 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil — 1996

*“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.”*

Constituição da República Federativa do Brasil, Art. 227, 5.10.1988

# Sumário

Prefácio .....	9
Introdução .....	15

## Capítulo 1

O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80.....	17
--	----

*Ruben Cervini, Freda Burger*

## Capítulo 2

Pobreza, cor e trabalho infanto-juvenil. ....	47
---	----

I. As conseqüências da pobreza sobre a infância e a adolescência .....	48
--	----

*Ricardo Paes de Barros,  
Rosane S. Pinto de Mendonça*

II. Conseqüências de longo prazo do trabalho precoce.....	56
---	----

*Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos*

III. O papel da cor na inserção do menor no mercado de trabalho metropolitano brasileiro.....	62
---	----

*Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos*

## Capítulo 3

«Menores» institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisas na década de 80 .....	69
---	----

*Irene Rizzini, Irma Rizzini*

## Capítulo 4

Crianças de rua: um estudo das suas características demográficas .....	91
--	----

*Eduardo Juárez*

## Capítulo 5

Meninos de rua e meninos na rua:  
estrutura e dinâmica familiar .....117

*Alda Judith Alves-Mazzotti*

## Capítulo 6

Da casa à rua: a cidade como  
fascínio e descaminho .....133

*Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello*

## Capítulo 7

A família contra a rua: uma análise  
psicossociológica da dinâmica familiar em  
condições de pobreza .....151

*Wilson Moura*

## Capítulo 8

A montanha e a pedra: os limites da política  
social brasileira e  
os problemas de infância e de juventude .....195

*Vilmar Faria*

## Anexo estatístico

O menino trabalhador no Brasil  
urbano dos anos 80 .....227

*Ruben Cervini, Freda Burger,  
Lucilene Dias Cordeiro*

# A FAMÍLIA CONTRA A RUA

Uma análise  
psicossociológica da  
dinâmica familiar em  
condições de pobreza

Wilson Moura\*

*\* Professor do Instituto de Psicologia da UFRJ, e coordenador de pesquisas da FLACSO — Sede Acadêmica Brasil*



# Capítulo

# 7

## Índice

Apresentação

Introdução

- 1.** A visão psicossociológica da família: um modelo teórico
- 2.** A análise da dinâmica familiar
- 3.** Alguns aspectos da convivência familiar: entre a interdependência e a desintegração grupal
- 4.** Em busca da solidariedade desaparecida

Anexo 1

Anexo 2

# Apresentação

Este trabalho tem a sua origem na pesquisa realizada em Goiânia, no período de maio a outubro de 1990, sob os auspícios do Convênio FLACSO/UNICEF e a colaboração da Fundação de Promoção Social de Goiás, sendo voltada, prioritariamente, para o estudo das famílias de crianças e adolescentes na rua.

O interesse desta parte, em que pese o compromisso interdisciplinar que orientou a investigação, concentra-se na análise dos problemas das famílias em condições de pobreza, dentro de uma perspectiva da Psicologia Social.

## Introdução

**A**s indagações que deram origem a esta pesquisa situam-se, primordialmente, no plano da investigação sobre a dinâmica familiar das crianças e adolescentes que vivem ou trabalham na rua. Por isto mesmo, o desafio da pesquisa, inicialmente estabelecido, visou relacionar aspectos da interação familiar às seguintes situações, envolvendo seus respectivos membros, crianças ou adolescentes:

- o abandono definitivo de casa para viver na rua;
- o exercício de atividades de subemprego;
- a existência de uma possível trajetória de vida — a começar pelo subemprego e terminando pela vida inteiramente na rua.

Pontos também considerados relevantes, tendo em vista a natureza contraditória das informações levantadas, foram os vinculados aos efeitos perversos do grau de pobreza familiar. Não obstante as inúmeras pesquisas realizadas apontarem para o fator econômico como o grande responsável pelo problema, como atestam Pires (1988) e Silveira (1989) em seus respectivos levantamentos bibliográficos, uma questão se impôs, formulada a partir de constatações empíricas, como a merecer um esclarecimento imediato: por que existem famílias, em condições de idêntica miséria, que conseguem se manter razoavelmente estruturadas, sem que nenhum de seus membros, crianças ou adolescentes, troquem em definitivo o convívio familiar pela rua, mesmo sendo obrigados por contingências de sobrevivência a buscarem nas calçadas o complemento da renda familiar?

O que se pretendeu, portanto (é necessário que se enfatize), não foi desconhecer o econômico, uma vez que isto seria impossível, dado inclusive as informações coletadas sobre a renda familiar (média *per capita* de 1/2 salário-mínimo) contidas na análise quantitativa desta pesquisa (ver Alves, Capítulo 5 desta publicação). O propósito foi o de se evitar a

cristalização de crenças em torno de um determinado problema social, o que, por vezes, impede uma percepção mais rica das múltiplas articulações presentes. Uma visão microscópica sobre o interior do objeto “família em condições de pobreza” talvez propicie uma compreensão mais nítida da interação exibida por seus integrantes diante de condições tão difíceis de sobrevivência.

Evidentemente que as respostas a problemas desta natureza dificilmente admitem uma vinculação linear do tipo “fatores determinantes/resultados correspondentes”; todavia, as mencionadas indagações funcionaram, ora como uma espécie de eixo orientador, impedindo desvios excessivos de rota, ora como um catalizador estimulando inferências e desdobramentos fecundos.

Na medida do possível, buscou-se orientar esta análise para as questões inicialmente formuladas, atentando-se, não obstante, para dois aspectos normalmente estranhos aos não familiarizados com a Psicologia Social: o lógico e o epistemológico.

A crise de credibilidade que às vezes se instala quando alguém se depara com análises baseadas em histórias de vida merece algum esclarecimento. Realmente, para aqueles muito afeitos a levantamentos quantitativos, a questão da frequência constitutiva da amostra passa a ser um ponto dos mais importantes, daí decorrendo, para muitos, a confiabilidade no estudo realizado. Entretanto, quando se utiliza a estratégia qualitativa, o que se almeja é dotar os interessados na pesquisa de um material que represente construções razoáveis sobre as possíveis articulações das diferentes variáveis do problema. Trata-se, como afirmam Lincoln e Guba (1985) de se trabalhar com um “paradigma naturalístico”, pois o valor e a confiança no relato repousam na possibilidade deste vir a se constituir num paradigma, capaz de aumentar a compreensão do objeto de estudo para os que dele fizerem uso. Inexiste, portanto, a pretensão de generalização, aliás tema dos mais controvertidos na ciência, pois o que se intenciona é contribuir para o melhor entendimento do fenômeno investigado, através de explicações que tornem mais nítidos os aspectos subjacentes.

Outro esclarecimento diz respeito à produção de conhecimentos no campo da Psicologia Social que, como sustenta Moscovici (1990 a), deve se incumbir de “analisar e explicar os fenômenos que são, simultaneamente, psicológicos e sociais”. Deste modo, o que vem à tona é a necessidade de se resgatar o “psíquico”, normalmente deslocado para um plano secundário devido à idéia, por muitos compartilhada, de que tudo que é psicológico tem a sua origem no social. Esta é a razão pela qual ainda se esbarra na crença fortemente difundida no âmbito das ciências sociais de que “uma boa explicação sociológica” deve, em princípio, evitar o lado subjetivo do indivíduo (emoção e demais processos psíquicos), além de ter que encontrar uma boa base econômica de sustentação (Moscovici, 1990 b). Entretanto, na condição de um campo de conhecimentos que se situa na interseção, reconhece a Psicologia Social que a sua sobrevivência decorre de uma atuação interdisciplinar. Daí a necessidade de se enfatizar ambas as vertentes (psíquica e social) que caracterizam a visão da realidade. A sua utilidade, em suma, decorre da capacidade de produzir interpretações em

diferentes instâncias, sem apelar para reducionismos. Entender, por exemplo, que simultaneamente à condição de miséria econômica subjaz um estado de miséria psicológica, que se manifesta por um sentimento de abandono e de impotência, é um bom exemplo de visão psicológica do problema. Resta trabalhar em ambas esferas sem que, contudo, se estabeleça a subordinação entre elas; pois, embora se influenciando mutuamente, será através da autonomia dos diferentes níveis que se construirá um conhecimento interdisciplinar mais eficaz do que aqueles até então produzidos, isoladamente, por cada disciplina.

Finalizando esta Introdução, torna-se oportuno lembrar que a partir das entrevistas realizadas com a criança e respectivos pais, estruturou-se um relato, em forma de caso, com o intuito de se propiciar uma visão mais rica dos diferentes aspectos que possam ser considerados relevantes na apreciação de cada dinâmica familiar.

Os depoimentos foram divididos em quatro etapas<sup>1</sup>:

1. a trajetória de vida dos genitores até a constituição da família de referência da criança;
2. a trajetória da família desde sua constituição até a saída da criança para a rua ou o subemprego;
3. a trajetória de vida da criança a partir de sua saída para a rua ou o subemprego até o momento atual e, finalmente,
4. as perspectivas futuras.

# 1. A visão psicossociológica da família: um modelo teórico

**U**m olhar para a família, enquanto fenômeno psicossocial, implica primordialmente enfocá-la na sua dimensão grupal. É dar relevo a essa entidade “psicoe-sociológica”, estruturada através de vínculos — emocionais/rationais, subjetivos / objetivos — que emergem da interação desenvolvida por seus integrantes.

No dizer de Lewin (1947), um grupo é um campo<sup>2</sup> onde se manifestam não só as ligações de ordem racional, por exemplo, aquelas que constituem as expectativas sobre os comportamentos que devem ser

exibidos no desempenho dos respectivos papéis (o sócio-grupo), como também aquelas que, sendo de ordem afetiva, respondem por uma espécie de “costura emocional” que une as pessoas entre si (o psicogrupo). Esta convivência de “distintos” e, ao mesmo tempo, “complementares” planos de análise resulta ser uma das características mais relevantes de qualquer estrutura grupal. Daí, os aspectos ambíguos de sua dinâmica: uma estrutura que aparenta a fragilidade, por seu desequilíbrio constante e, simultaneamente, uma certa solidez, devido à persistência de seus vínculos. O primeiro é uma decorência dos insumos que o alimentam, pois flutua ao sabor da inconstância dos investimentos de energia de seus membros. O outro corresponde aos vínculos interpessoais que se constroem a nível cognitivo gradativamente porém com firmeza, como resultado da convivência. Logo, a preocupação em se trabalhar as duas esferas de energia visa evitar maiores equívocos. Um grupo pode aparentar equilíbrio no desempenho de papéis, sem que, no entanto, os vínculos permaneçam consolidados. Do mesmo modo, um outro grupo pode estar vivenciando uma grave crise, apresentando-se, pois, bastante desequilibrado, embora os vínculos que unem seus membros se mantenham extremamente firmes e duradouros.

O desenvolvimento da estrutura grupal decorre, portanto, da interação (troca de energia) entre seus membros. Quanto mais intensa ela for, maior será o efeito integrador. Por outro lado, a falta de engajamento, que corresponde à falta de irrigação de energia, favorece o aparecimento do efeito centrífugo, quando então se criam condições, conforme sugere Tajfel (1980) para o abandono do campo e a conseqüente filiação a novos grupos.

Finalmente, é importante destacar que a idéia de grupo (integrado/desintegrado) não deve ser entendida como uma simples manifestação objetiva de relações, pois que se requer a simultaneidade de correspondência a nível subjetivo. Uma maior freqüência de interação entre as pessoas na casa, no trabalho, na escola, em decorência, às vezes, dos papéis desempenhados, ou mesmo o sentimento e a manifestação de afetividade para com os participantes (colegas, amigos, familiares), não necessariamente significam que estas pessoas se sintam atraídas, ou mesmo parte integrante de um grupo. A condição de membro de um grupo implica, a nível perceptivo, sentir-se ou não, simultaneamente, sujeito e objeto de uma ação coletiva, cúmplice de um projeto existencial comum.

## O modelo teórico

A farta literatura sobre o tema registra, ao lado dos aspectos econômicos ligados à sobrevivência, a importância dos instintos ligados a reprodução (os impulsos sexuais) na origem da instituição família.

Por isso, se torna fácil identificar o embrião do grupo aí inserido tendo em vista a presença das duas esferas responsáveis pela estrutura grupal — o psicológico e o sociológico.

Ao longo do processo de desenvolvimento da família observa-se que os investimentos de energia dos parcei-

1. Ver Anexos.

2. O modelo Lewiniano sofre forte influência da Física. O conceito de campo sugere a idéia de um espaço energizado, onde atuam forças antagônicas (atração/repulsão) em constante movimento.

ros (os responsáveis pela gênese da família) devem assegurar não só a vinculação afetiva decorrentes das expectativas do prazer sexual (a dimensão psíquica), como também uma quantidade de energia a ser canalizada para o desempenho de papéis que garantam as expectativas de sobrevivência material de cada integrante em particular e, por conseguinte, do coletivo compactado.

Portanto, o crescimento e a manutenção da família, enquanto grupo, requer a satisfação simultânea das diversas expectativas geradas, quer sejam no plano da afetividade, quer no da sobrevivência econômica. Este último implica ainda um desdobramento — o interior e o exterior. O nível interno se consagra pelos papéis desempenhados visando a manutenção das condições físicas necessárias à convivência familiar (as atividades domésticas). Já o nível externo diz respeito ao desempenho de papéis, usualmente fora do campo de convivência familiar, com o intuito de assegurar os recursos necessários às funções básicas de sobrevivência (alimentação, abrigo, educação etc.).

Deste modo, estas duas dimensões (a psíquica e a sociológica) formam um campo de tensão a se influenciarem mutuamente. Assim é que a satisfação afetiva reforça os investimentos de energia na produção da sobrevivência e vice-versa. Da mesma forma, as carências vivenciadas funcionam como um elemento de dispersão das energias presentes no campo, enfraquecendo os elos que os interligam.

## A articulação dos elementos constitutivos do grupo familiar

Viver o grupo é sentir a reciprocidade do outro. É ter presente a interdependência das ações. É ter consciência da vinculação ao outro. Por isto mesmo, Sartre (1960) fala da distinção entre aglomerado e grupo. O primeiro é a experiência do anonimato na situação coletiva, quando, mesmo em presença do outro, sente-se o isolamento e o abandono — é a solidão. Já o grupo representa a experiência da solidariedade, a vivência da experiência comum.

Uma explicação bastante criativa para a articulação dos conteúdos psíquicos na solidificação dos vínculos grupais encontra-se em Käs (1977) e Anzieu (1981), para quem nos membros de um grupo se observa a presença de elementos inconscientes a responderem pela maior ou menor estruturação das relações. A tese central que defendem é a de que os grupos só conseguem se erigir como uma realidade social na medida em que determinadas formações psíquicas assumem o papel articulador entre o desejo e a demanda material, objeto da associatividade. Os organizadores psíquicos grupais são, pois, configurações inconscientes compartilhadas e capazes de sintetizar, a nível da percepção, a “grupalidade interna” e a “grupalidade social”. A “grupalidade interna” deve ser entendida como a manifestação de um sentimento de interdependência emocional, fruto das fantasias buscadas e alimentadas na relação com o outro. Já a “grupalidade social” reflete a internalização do sentimento de reciprocidade de comportamentos, fruto de uma racionalidade que se

consagra e se mantém na medida em que é capaz de assegurar a concretização de objetivos comuns.

Ao se ocupar um lugar num grupo, este pode já pre-existir com sua estrutura de papéis devidamente normatizados; entretanto, caso não se vivencie internamente “o sentimento de interdependência”, a internalização do grupo (a grupalidade interna), de nada adiantarão as pressões, oriundas da lógica e coerência da racionalidade imposta ao indivíduo (a grupalidade social), dado que as desarticulações fatalmente ocorrerão por conta do estado de alheamento e indiferença reinantes.

Por isto mesmo, os organizadores exercem uma espécie de função aglutinadora ou desagregadora do grupo. Como um espelho, eles facilitam o reconhecimento de imagens análogas, proporcionando assim o *insight* da apreensão isomórfica entre os processos psíquicos e os processos sociais.

Faz-se necessário, contudo, entender-se que um organizador não passa de um constructo teórico a indicar uma predisposição inconsciente, presente no psiquismo e capaz de influenciar intensivamente as percepções mútuas exibidas pelos membros de um grupo. Seguindo esta orientação, Eiguer (1985) desenvolveu uma teoria grupalista dos vínculos familiares na dinâmica de interação familiar.

Ao longo da história de interação da família, cada incorporação de um novo membro, a começar pela gênese — a escolha dos parceiros —, passando por nascimento de filhos, novos companheiros, enteados, parentes, amigos, representa momentos significativos para a dinâmica. As expectativas desencadeadas, recíprocas ou não, de satisfação de conteúdos fantasiosos em cada membro, estimulam reações de afastamento ou de aproximação. Neste particular, é importante ressaltar o princípio de identificação freudiana: “imita-se a quem se ama”, a responder pelas ligações familiares. A este respeito, Eiguer (idem) observa que, com o correr do tempo, ocorre a estabilização, aparecendo os seguintes laços, que passam então a regular a relação entre os membros: os vínculos de aliança (companheiro/companheira), os vínculos de filiação (pais/filhos) e os vínculos de consangüinidade (entre irmãos). Estes vínculos não só respondem pelos investimentos no outro (o grau de atração/repulsão), como também orientam a interação entre os papéis (as diferentes atitudes exibidas).

Deste modo, pode-se inferir que os organizadores (enquanto manifestação de conteúdos fantasiosos) pre-dispõem aos investimentos de energia (libido) no outro, favorecendo assim a emergência e a manutenção das ligações interpessoais (os vínculos), tanto no nível inconsciente (da afetividade), quanto no nível consciente (a racionalidade) dos papéis. Dependendo da intensidade do intercâmbio de energia, cria-se um campo favorável à comunicação e, conseqüentemente, à estruturação do espaço grupal diferenciado de relações.

O estabelecimento de fronteiras num sistema aberto, segundo Bertalanffy (1973), é condição indispensável à sua sobrevivência. Logo, a percepção de limites no espaço familiar torna-se crucial, dado que possibilita a cada membro diferenciar as relações que se inscrevem dentro e fora desse limite; quem e o quê se insere nesse interior; quais atitudes são as mais indicadas e — o que é mais significativo — o sentimento de pertencimento, ou seja, a autopercepção que permite a um membro qualquer sentir-se parte integrante ou não desse grupo familiar.

Aliás, como afirma Laing (1972), a família não é um simples objeto social decorrente do desempenho de papéis, uma vez que o que importa é a sua internalização. O indivíduo só se assume como membro de um grupo familiar quando se sente aceito, trocando energia, enfim, compartilhando desse projeto comum.

Um outro aspecto, ainda, dos mais relevantes na interação grupal, são as relações de poder desenvolvidas no interior da dinâmica familiar, pois se constitui fator de equilíbrio. É evidente que as articulações racionais dos papéis contidas na produção grupal destacam o conteúdo explícito, mas não necessariamente internalizado do poder. Este somente se efetiva na medida em que os respectivos integrantes o interiorizam, não como uma ameaça, mas como um objeto de identificação.

A propósito desta temática Sennet (1981) propõe-se a refletir sobre o significado dos vínculos grupais. Para ele, a ambigüidade é esclarecedora, porquanto um vínculo sugere, simultaneamente, não só a idéia de união, como também a de pressão. Em se tratando dos vínculos familiares, principalmente os vínculos filiais, estes dependem do reforço obtido — o sentimento de segurança e proteção — inferido da relação. Isto requer investimentos, de forma a assegurar a proteção que a criança idealiza. Daí, o que Sennet chamou de “força de autoridade dos pais”, pois se baseia neste processo de identificação dos filhos, decorrente do empenho da doação de energia afetiva dispendida pelos pais, no sentido de garantir o clima necessário ao desenvolvimento do filho. Esta força é agregadora, pois se sustenta numa forte vinculação. Em contrapartida, no outro extremo, encontra-se a autoridade que se sustenta na força, na violência dos pais. Esta é frágil e desagregadora, pois, sendo pura descarga de energia, não consegue alimentar os vínculos familiares; tendo sua força oriunda do medo, é dispersiva e, portanto, estimula o abandono do campo, já que tanto mais afastados os membros estiverem das figuras detentoras do poder, menos se sentirão submetidos a essa situação desfavorável.

À guisa de conclusão talvez fosse importante, neste ponto, fazer um resumo das articulações ligando os diferentes elementos teóricos levantados para explicar a dinâmica de interação familiar. Com o intuito de facilitar a apreensão dos diversos aspectos apontados, buscou-se a ajuda de uma representação esquemática (ver Figura 1).

O esquema esboçado sugere a representação mental dos diferentes aspectos da dimensão grupal. No primeiro plano, denominado psicogrupo, estão simbolizados os conteúdos mentais que pertencem ao domínio da afetividade. Oriunda da libido, a energia sexual responsável pela reprodução da espécie atua a nível inconsciente, alimentando as fantasias de cada membro. Estas fantasias funcionam como verdadeiro organizador da vida grupal, na medida em que devem ser satisfeitas na relação com o outro. Esse campo de interação vai se estruturando com o tempo e tende a ser percebido dentro de um contorno nítido — os limites da entidade grupal — permitindo assim a cada membro sentir-se ou não parte integrante da mesma (o sentimento de pertencimento).

No outro plano, o sócio-grupo, estão representados os conteúdos pertencentes à esfera da racionalidade humana. Buscando garantir o compromisso da sobrevivência de cada membro e do grupo enquanto totalidade, reflete as influências culturais sobre a definição dos papéis atribuídos a cada membro, necessários à

manutenção do grupo — quer sejam as atividades domésticas (a produção interna), quer, ainda, o denominado trabalho remunerado (a produção externa).

Na medida em que se constata uma gratificação simultânea em ambas as esferas, a qual se dá no nível da afetividade, através da identificação com o outro, e no nível da produção, assegurando-se as condições mínimas de sobrevivência, ocorre um reforçamento dos diferentes vínculos estabelecidos nos grupos familiares. Por sua vez, a intensidade da vinculação, fruto da gratificação obtida, atualiza o compromisso de cada membro para com a entidade grupal, garantindo a sua sobrevivência autônoma e singular no tempo.

Interessante ainda é registrar algumas peculiaridades encontradas no plano afetivo. A gratificação nessa esfera, além de contribuir para o fortalecimento dos vínculos grupais, permite também uma transferência de energia psíquica, que atua então sob a forma de motivação sendo colocada à disposição da esfera da produção. Isto representa dizer que a gratificação afetiva propicia uma concentração de energia na esfera da produção, o que favorece ao grupo enfrentar o desafio da sobrevivência. Evidentemente que a não concretização, no tempo, dos objetivos de sobrevivência, provocará um refluxo, uma dispersão das energias (a desmotivação), o que resultará no enfraquecimento dos vínculos, com o conseqüente abandono do campo de tensão.

O que se pretende, pois, assinalar, é o caráter altamente dinâmico das forças presentes nesse campo. Essa intercomunicação constante dos diferentes conteúdos mentais — o afetivo (a instância de prazer) e o racional (o da produção da sobrevivência) — decorre e, ao mesmo tempo, se alimenta das atitudes manifestadas em relação a cada integrante do grupo. A circulação intensa de energia entre os membros é o verdadeiro adubo, o elemento de sustentação do grupo familiar.

Este esquema deve ser entendido como uma configuração dos elementos contidos no campo da consciência de cada participante do grupo. A realidade concreta da família é caracterizada pelo desempenho dos papéis; todavia, os investimentos de energia derivam da manifestação dos conteúdos simbólicos decorrentes das gratificações obtidas na relação.

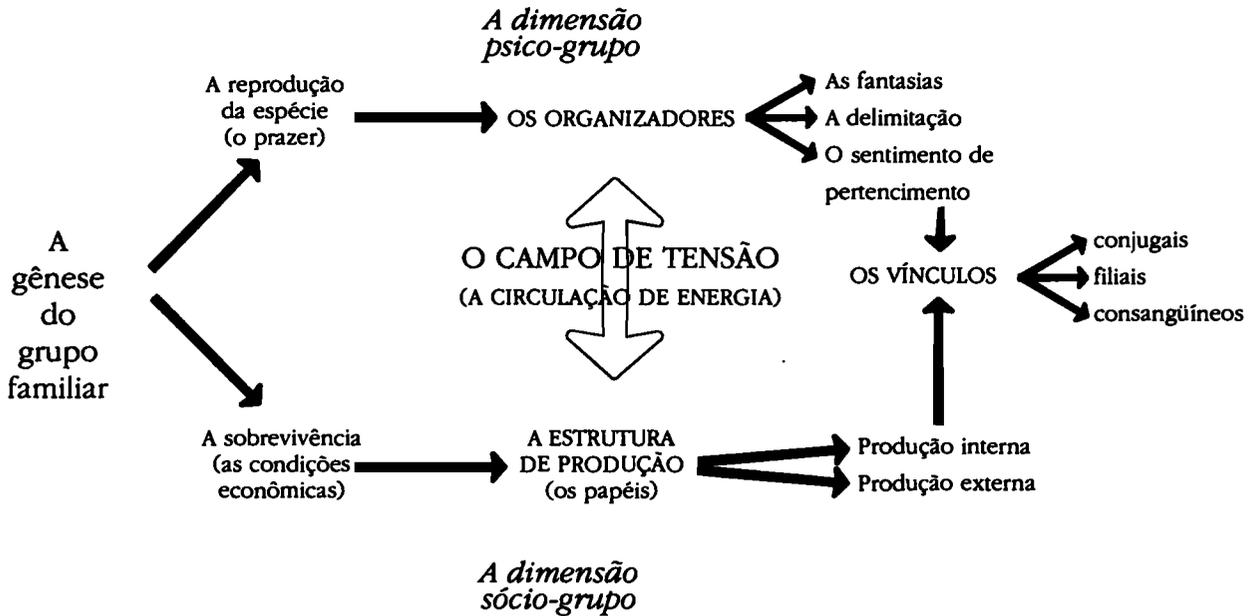
Os “organizadores”, enquanto constructo teórico, respondem pela subjetividade presente na relação grupal. O sentimento de aproximação ou afastamento “no interior da entidade grupal família” decorrerá, pois, do nível de satisfação das fantasias alimentadas por cada membro e do êxito obtido na garantia de sobrevivência de cada membro, em particular, e da estrutura como um todo.

## Os indicadores grupais

A visão de família, enquanto grupo, sugerida no referencial teórico adotado, pressupõe o empenho de cada membro no sentido de assegurar a sua sobrevivência. Da circulação de toda a energia investida no interior do grupo para cada integrante a fim de satisfazer, simultaneamente, as duas instâncias — a do prazer e a da sobrevivência —

Fig. 1

**Articulação esquemática de uma concepção psicossociológica da família**



depende a sua estruturação. Daí, o fluxo interativo resultar sempre de investimentos e retornos (a reciprocidade intermembros), os quais se consagram na relação.

Portanto, se toda a dinâmica grupal reflete o grau de envolvimento de seus membros, a avaliação desta só será possível por intermédio de "indícios" que retratem o nível de gratificação exibido por cada participante. Destas considerações decorre, então, a escolha de indicadores capazes de orientar o levantamento e análise da dinâmica familiar dos casos pesquisados. Diante da imposição do intercâmbio de energia proposta pelo modelo, os indicadores deverão registrar a reciprocidade de interação manifestada — os investimentos e os retornos.

### 1. Os investimentos no grupo

1.1. *Os vínculos conjugais* — dizem respeito aos investimentos que cada parceiro faz no sentido de vitalizar a relação para com o outro e que espelha em que grau cada um vê ao outro como objeto de prazer.

1.2. *A presença física* — responde pela frequência e intensidade das relações mantidas entre os membros do grupo familiar, com especial destaque à presença compartilhada, na qual o elemento visado seja efetivamente o grupo familiar.

1.3. *A sobrevivência do grupo familiar* — 1. atividades domésticas — indica o esforço de contribuição dos integrantes na realização das atividades domésticas, fator de primordial relevância na sustentação da convivência familiar, ainda mais que estas atividades constituem um encargo muito pe-

sado para serem atribuídas a um único membro. 2. Renda familiar — traduz o grau de empenho demonstrado por cada membro: suas respectivas iniciativas registradas, as ações por cada um realizadas com o intuito de assegurar as condições mínimas de sobrevivência para todos os integrantes do grupo familiar.

1.4. *As experiências compartilhadas* — correspondem à frequência e intensidade com que as tarefas, presentes na dinâmica familiar, se revestem de características próprias de "atividades em comum", pois sugerem um grau de cooperação, reciprocidade e interdependência entre os seus membros.

### 2. Os retornos grupais

2.1. *Os vínculos filiais* — correspondem aos investimentos recíprocos capazes de fortalecerem as ligações dos filhos para com agentes que simbolizam o pai e a mãe e que refletem o grau de interdependência existente na relação

2.2. *O sentimento de proteção* — trata-se da avaliação daquilo que a família representa para cada membro em termos de acolhimento e de segurança; enfim, o quanto os membros se sentem protegidos ou menos ameaçados pelo fato de se perceberem pertencendo à respectiva família.

2.3. *O sentimento de apoio* — retrata a percepção do grau de reforçamento obtido do grupo familiar, por parte de cada membro, quer seja em forma de ajuda à resolução de problemas e conflitos, quer na afetividade recebida em situações difíceis, quer, ainda, no estímulo constante às iniciativas visando enfrentar os desafios que o meio impõe.

## 2. A análise da dinâmica familiar

O propósito desta análise é resgatar a dimensão grupal, enquanto entidade determinada e determinante da interação sugerida pelos diferentes atores, em suas respectivas histórias singulares.

Penetrar no interior da dinâmica familiar subjacente aos depoimentos, por vezes isolados, de seus participantes, todavia, requer uma certa intencionalidade no ver, uma certa prontidão no olhar, que impeça passar despercebido aquilo que se torna indispensável à compreensão do fenômeno.

Daí a necessidade de critério, a importância de indicadores, como os descritos anteriormente, que sejam capazes de funcionar como uma lente na tarefa de melhor compreender o fenômeno.

Finalmente sugere-se, a seguir, uma leitura prévia do respectivo relato de cada caso, constante nos Anexos.

### Caso 1

## 1. Os investimentos no grupo

### 1.1. Os vínculos conjugais

Em que pese os quinze anos de convivência e o grande número de filhos gerados, o sentimento de rejeição da mãe pelo companheiro é explicitado verbalmente. Ao fazer questão de frisar: “não vivemos como marido e mulher”, ela deixa bem patente que não se trata de uma “relação de prazer”, mas, como ficou evidenciado, de uma relação voltada exclusivamente para a sobrevivência. Embora não se tenha obtido a percepção do companheiro, sua postura é pelo menos indicadora do afastamento que deseja manter em relação à companheira. Verifica-se, portanto, uma tendência desagregadora, e a aliança estabelecida reside no interesse que a companheira tem na casa e numa herança para os filhos e, no caso do companheiro, na comida e roupa lavada. Aliás, ao falar de sua família, a entrevistada assim se expressou: “a família dos meus filhos é constituída dele e os meus filhos... Mas eu, eu só considero os meus filhos, pois dele eu não gosto não...”

### 1.2. A presença física

O pai, ainda que fisicamente presente pelo menos durante o dia, já que trabalha de vigia à noite, devido aos seus problemas de saúde, troca muito poucas palavras, principalmente depois que se operou, há uns sete anos atrás. A sua presença, segundo a mãe, é solitária e isolada do restante da família. Já a mãe, ainda que mais participante, se encontra ausente das 05:30 às 21:00 horas.

### 1.3. A sobrevivência do grupo familiar

A mãe, devido a sua longa jornada de trabalho fora de casa, dispõe de muito pouco tempo para dedicar às atividades domésticas, a não ser os sábados e domingos e, assim mesmo, quando não está muito cansada. O grosso das atividades caseiras está confiado às filhas de 12, 10 e 7 anos, sendo que a mais velha ainda trabalha fora, de babá. Como parecem não gostar desse tipo de compromisso, segundo a mãe, muita coisa não fica a gosto, mas, como ela mesma menciona, “o que se pode fazer?, o melhor é não se preocupar com essas coisas...”

No tocante à obtenção dos recursos necessários à sobrevivência, parece que a família não encontra tantas dificuldades, pelo menos em comparação com o restante das famílias que foram entrevistadas.

Ambos os parceiros possuem dois empregos cada, sendo que o pai possui ainda recursos extras, oriundos de outros imóveis alugados. Deve-se, contudo, registrar a desarticulação desses recursos obtidos por cada parceiro, o que deve acarretar prejuízos para o grupo como um todo. Como diz a mãe, “cada um leva a vida em separado com os seus respectivos ganhos; para dizer a verdade, eu não vejo o dinheiro dele...”

### 1.4. As experiências compartilhadas

Nenhuma fala, nenhum indício foi extraído da entrevista que pudesse sugerir a existência de alguma atividade compartilhada para o grupo. As atividades domésticas são desenvolvidas pelas filhas, o que inclui basicamente alimentação, mesmo assim com muita resistência. Tudo leva a crer que cada um busca resolver o seu problema de uma forma muito individualizada, a não ser, é o que parece, a lavagem de roupa e a alimentação para o pai.

## 2. Os retornos grupais

### 2.1. Os vínculos filiais

Ao que tudo indica ambos, pai e mãe, parecem não ter conseguido estabelecer com os filhos nenhuma ligação mais consistente e, sequer, conseguem passar alguma afetividade. Segundo a análise que a própria mãe faz, “da mesma forma que eu não sou feliz, eu acredito que os meus filhos também não são felizes... Eles não tiveram carinho de ninguém — nem do pai, nem da mãe... Acho que não consegui dar muito carinho .. por falta de tempo...”

### 2.2. O sentimento de proteção

É difícil inferir quaisquer manifestações nessa dinâmica grupal capaz de insinuar acolhimento e segurança da parte dos seus integrantes. O espaço de interação é palco constante de diferentes manifestações de violência, especialmente na relação entre os companheiros, como relata a mãe: “Quando ele briga comigo, ele me manda embora, como já mandou as meninas várias vezes... Às vezes ele vem me bater e eu não aceito que ele me bate... então eu dou uns murros nele... aí as irmãs dele vêm em socorro dele... e a gente pega a brigar...” Nas relações com os filhos, principalmente o que se encontra na rua, as informações são muito expressivas: “o pai sempre foi nervoso, nunca deu atenção, nenhum carinho... se o menino teve atenção são os colegas de rua...” A própria mãe ao declarar que já amarrou o menino, de corrente, dá bem a idéia do tipo de interação que mantém com o filho.

### 2.3. O sentimento de apoio

Além do fato de o pai há muito tempo não mais se preocupar em ir buscar ou procurar o menor na rua, com o intuito de trazê-lo para casa, a mãe, não obstante as afirmações de interesse e preocupação com a vida de seu filho, somente no período de realização da entrevista efetivamente procurou entrar em contato com o Juizado de Menores, embora seu filho estivesse detido há mais de dois meses na Delegacia. Acrescente-se ainda o fato de que declarou não saber se o melhor para seu filho era ficar em casa ou na delegacia, uma vez que o que importa é que não fique na rua. Comentando o longo período em que o menor se encontrava na Delegacia, a mãe assim se expressou: “Eu já acho difícil ele estar lá, mas ao mesmo tempo, eu já acho bom... porque quando ele está na rua, eu nem durmo pensando...”

O desinteresse manifestado pelos pais com relação ao destino do filho que se encontra na rua é um forte indicío da falta de apoio do grupo familiar.

## Conclusão

A história da constituição dessa família demonstra uma ausência de gratificação mútua entre os parceiros. Tal frustração funciona como elemento centrifugador, fazendo com que seus membros, principalmente aqueles com mais independência, busquem fora dela alguma forma de recompensa. Daí, talvez, a ausência, como uma característica familiar importante e, ao mesmo tempo, profundamente desagregadora.

### Caso 2

## 1. Os investimentos no grupo

### 1.1. Os vínculos conjugais

A longa trajetória de vínculos da mãe com suas respectivas vivências traumáticas, conforme suas próprias declarações, sugere um acúmulo de frustrações intensas. No tocante à ligação com o parceiro, pai dos dois filhos que oficialmente estão na rua, deixou transparecer um forte sentimento de rejeição, revestido de um caráter humilhante.

Quanto ao seu parceiro atual, cuja convivência gira em torno de dois anos, não conseguiu transmitir nenhuma informação ou indicío de amizade, confiança ou consistência da relação.

O mesmo ocorreu com o parceiro, que, ao final da entrevista com a mãe, fez questão de dar declarações, tentando, tão-somente, expor o seu excelente nível cultural (pois tem 1º grau completo) e os problemas que possui com as ex-companheiras e respectivos filhos, os quais não moram com ele.

### 1.2. A presença física

Como se pode depreender do relato, a presença da figura do pai ou padrasto foram efêmeras e, no caso dos menores de rua, praticamente nenhuma. A mãe, tendo em vista a necessidade de sobreviver com um pouco mais de dignidade, desde 1984 se ausenta diariamente, inclusive aos sábados, das 05:00 às 21:00 horas. Sendo o único elo de ligação entre os irmãos, na medida em que são filhos de diferentes pais, pode-se facilmente concluir o que significa a ausência da mãe na dinâmica deste grupo familiar.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

Tendo em vista a ausência dos responsáveis (mãe e padrasto), atualmente as atividades domésticas estão entregues aos filhos mais velhos: o de 16 anos, uma de 14 e outro de 13 anos. Ainda existem mais quatro crianças, menores de sete anos, que também devem ajudar. Acontece que o mais velho estuda e trabalha (parece ser o verdadeiro chefe da família) e os dois que a ele se seguem vivem na rua, o que provoca inúmeros problemas de desordem em casa, segundo a mãe. Como consequência, é necessário muitas vezes que a avó materna, que vive numa casa próxima, junto com a filha mais velha e o neto, venham socorrer, principalmente as crianças menores. Parece que o problema se agrava com a presença dos menores que vivem na rua, pois quando eles resolvem aparecer em casa normalmente trazem consigo vários "coleguinhos", como disse a mãe.

No que tange à obtenção de condições mínimas de sobrevivência, os investimentos para o grupo, principalmente por parte da mãe, são bastante significativos. A excessiva preocupação por ela demonstrada em não deixar faltar nada em casa é confirmada pela dedicação que parece ter ao trabalho, conforme suas palavras: "foi a melhor coisa que podia ter acontecido em minha vida..."

Disse várias vezes que não tem medo de trabalhar, que sempre fez serviço braçal na roça e que faz o que for preciso para aumentar os seus ganhos.

### *1.4. As experiências compartilhadas*

Nada transpareceu da entrevistada que pudesse sugerir atividades compartilhadas ou em interdependência neste grupo familiar. As atividades domésticas poderiam ser consideradas um espaço em comum; todavia, talvez por falta de algum elemento aglutinador, o desinteresse evidenciado nas dificuldades relatadas demonstram que em verdade cada membro tenta resolver o seu problema específico individualmente. Inclusive os filhos que se ausentam muito frequentemente (não são os menores que estão na rua), costumam se alimentar fora de casa.

## **2. Os retornos grupais**

### *2.1. Os vínculos filiais*

A figura paterna parece estar muito enfraquecida na família, em virtude da rotatividade e negatividade

das relações que foram estabelecidas. Já a mãe, embora se esforce por ser compreensiva e "conselheira", como ela se autointitula, está mais preocupada com as aparências, como, por exemplo, quando menciona: "Todo o mundo tem dó, porque meus filhos tão roubando... meu coração dói..." O seu grande ideal de vida seria poder trabalhar em paz, retornando à casa de noite, quando então gostaria de encontrar "todo o mundo quietinho e arrumadinho... os filhos tudo quietinho em casa, me esperando..."

### *2.2. O sentimento de proteção*

Pela dinâmica relatada torna-se difícil imaginar uma vivência grupal que propicie segurança aos seus membros, principalmente se atentarmos para a seguinte informação retirada da entrevista com a mãe: "Tá tudo na rua... a menina, por exemplo, já veio da rua..."

Em outros trechos deixa entrever que já tinha conversado este assunto com eles mas que, ao que tudo indica, nada obteve: "Quando eu saio para o trabalho, eles saem para a rua. Eles dizem que dentro de casa é ruim..."

A casa, o lugar físico do grupo familiar, parece não oferecer nenhuma recompensa, até mesmo para aqueles filhos que não estão na rua (pelo menos oficialmente).

### *2.3. O sentimento de apoio*

O acolhimento grupal foi outro traço ausente da entrevista. O que se infere é que se trata de um grupo familiar cujos membros dão a impressão de se encontrarem de passagem, sem tempo nem vontade para se relacionarem, em busca de algum outro lugar para viverem. A mãe, ainda que verbalize estar muito preocupada com a situação dos filhos, principalmente os menores de rua, em verdade há muito tempo não os via e sequer sabia de seus paraderos. O que talvez esteja nos seus planos é tentar alguma instituição que tome conta desses filhos. Aliás, ao finalizar a entrevista, declarou enfaticamente: "Eu quero que vocês me ajudem... que eu sou uma mãe fraca... que minhas forças é pouca... que arrumassem um lugar pra botar eles..."

## **Conclusão**

Este grupo insinua uma dinâmica totalmente desintegrada, marcada, notadamente, pela ausência física dos adultos (mãe e padrasto). Pelo pouco de energia que investem no relacionamento, este tende a se atrofiar. A casa não é um lugar de encontro dos seus integrantes, servindo muito mais como dormitório, já que dificilmente interagem entre si. A falta de intercâmbio de energia e a desaglutinação familiar sugerem que se trata de um pseudogrupo, na medida em que se cons-

tatam manifestações de descompromisso para com o outro, consagrando a idéia de que “cada um vive para si”.

## Caso 3

### 1. Os investimentos no grupo

#### 1.1. Os vínculos conjugais

A convivência da mãe com o padrasto da menor, ao longo de quase quinze anos marcados por um conjunto de acontecimentos trágicos, coloca em evidência o traço de desprazer, de rejeição e mesmo de ódio concretamente explicitado nas tentativas de assassinato mútuo. A explicação para a manutenção da ligação, pelo menos por parte da mãe, se encontra nas dificuldades econômicas enfrentadas, no excesso de filhos, na insegurança em relação à saúde, nas ameaças recebidas caso abandonasse o companheiro e na falta de energia para buscar alternativas. Aparentemente, essa ligação nada tinha para se manter, quer nos planos da afetividade, quer ainda no insucesso com relação à sobrevivência; entretanto, não foi o que se constatou.

No que diz respeito à última ligação da mãe, que parece já existir há três anos, tudo indica que esteja voltada para a busca de um lugar fixo para viver. Anteriormente ela se encontrava vivendo na rua como papeleira, o que justifica sua preocupação, manifestada durante a entrevista, em “ter um pouso”.

#### 1.2. A presença física

Conquanto a presença física tenha sido assídua, o clima de desavenças e desconfianças compartilhadas impediu, ao que tudo indica, uma presença mais efetivamente participante, no sentido da construção grupal.

A presença da mãe, não obstante todas as dificuldades enfrentadas, conseguiu se tornar muito mais marcante do que a do pai. Uma informação elucidativa foi prestada pela filha menor de rua, ao mencionar que, quando o padrasto expulsou a mãe de casa, há cerca de quatro anos, o pai fez questão de ficar com os filhos, mesmo porque a mãe foi para a rua (naquele período em que viveu como papeleira). Acontece que depois de algum tempo, logo depois que a mãe foi morar com o vigia, os filhos abandonaram o pai e retornaram ao convívio da mãe. O interessante é que houve uma disputa judicial pela posse dos filhos e os próprios filhos declararam, perante o juiz, que não queriam permanecer com o pai, uma vez que nem alimentação eles tinham.

Conclui-se, então, que a presença da mãe, com todas as suas dificuldades, ainda pode ser entendida como um certo investimento, ainda que tênue, na aglutinação familiar.

#### 1.3. A sobrevivência do grupo familiar

As próprias instalações físicas do local de moradia dificultam a organização das atividades domésticas, tomando a interação física já difícil. Compete à mãe se dedicar à cozinha e, no tocante à lavagem de roupa, conta com a ajuda dos filhos engraxates. Dos filhos que moram com ela, a mais velha (15 anos) trabalha e estuda; a outra, de 13 anos sofreu um acidente de motocicleta e, segundo a mãe “não é muito certa da cabeça... ela é muito nervosa... ela está na creche durante o dia... ela não ajuda nadinha...”; os meninos (12 e 9 anos) trabalham de engraxate, passam o dia fora e aos sábados e domingos ajudam a lavar a roupa; sobra a filha de 8 anos, que é com quem a mãe conta para ajudá-la nas tarefas domésticas.

Com relação às condições mínimas de sobrevivência, a família enfrenta grandes dificuldades, como se pode inferir do seguinte trecho: “faz mais de seis meses que eu não ganho nada. Os meninos com suas engraxadinhas ajudam um pouquinho. Dá pra gente... arroz, feijão... algum dia uma carminha... Quando eu trabalho eu ajudo ele<sup>1</sup>, compro alguma coisa, levo alguma coisa para minha mãe, ela está muito velha... o meu dinheiro é pra isto, não dá pra comprar roupa nem sapato... os meninos não têm nada...”

#### 1.4. As experiências compartilhadas

O que impressiona nessa dinâmica é a falta de ajuda em relação à mãe. Mesmo tendo optado judicialmente pela convivência com a mãe, os filhos desaparecem de casa, principalmente os mais velhos, e se esquivam em colaborar para diminuir os encargos da genitora. Esta, mesmo doente, tem que assumir todas as obrigações domésticas. A falta de alguém que organize a produção doméstica é evidente. As dificuldades de sobrevivência, o desânimo frente a um sentimento de impotência talvez expliquem a falta de iniciativa e de liderança da mãe, ao longo dos anos. Mas o que choca, no presente, é o fato de que não se observou nenhum indício entre os filhos de cooperação entre si, ainda que biologicamente a consangüinidade entre dois irmãos seja completa (com exceção da menina de rua, todos os demais, inclusive um outro menino que vive na rua, são filhos do mesmo pai e da mesma mãe). A imagem que fica da interação familiar é a de ligações filiais exclusivistas e intermitentes. Os filhos, embora de uma maneira muito contida, trocam

1. O companheiro atual.

alguma energia com a mãe, sem que, no entanto, haja qualquer expectativa de interdependência grupal.

## 2. Os retornos grupais

### 2.1. Os vínculos filiais

A figura paterna aparece totalmente comprometida, principalmente em virtude da marca da violência. Além da relação extremamente conflituosa entre os parceiros, das atitudes que o padrasto tomou em relação à menor, outras informações foram acrescentadas, como, por exemplo, estas da mãe: “eu sempre bati nas crianças, mas nunca machuquei. O pai deles (o padrasto) já quebrou... O menino que vai completar 17 anos tem quebradeira no corpo. Esta quebradeira o juiz de menores diz que tem que tratar porque tem inflamação dentro... foi devido ao chute que o pai deu quando descobriu umas confusões que ele aprontou na rua...”

Felizmente, contudo, o que se constata é que a mãe, não obstante todas as tragédias de sua vida, consegue passar uma certa afetividade, um certo carinho quando fala dos filhos. A menor de rua também se refere com carinho à mãe.

No entanto, a prova maior de afetividade foram os filhos abandonarem o pai e espontaneamente buscarem o convívio da mãe. Mesmo assim, porém, a mãe se queixa de que os filhos não a tratam bem. “As meninas mesmo são tudo grosseiras... eu acho que sou mais enjoada com eles do que eles comigo... eu não tenho vista que preste, mas o que eu posso fazer pra eles, eu faço... a gente é pobre, não pode dar uma vida *mió* pra eles...”

### 2.2. O sentimento de proteção

Sem dúvida existe um certo acolhimento por parte da mãe, inclusive explicitada pela menor, quando a ela se refere: “a minha mãe é uma pessoa sempre legal... se não fosse ela eu não estaria viva não... a qualquer hora que eu precisar dela, eu posso correr lá, que eu terei comida, roupa limpa...”

Mas o fato é que, talvez por uma certa impotência em relação ao pai de seus filhos, a mãe não conseguiu criar um clima de segurança familiar. As suas constantes mudanças de lugar, as desavenças freqüentes, as agressões mútuas parecem ter produzido uma dinâmica familiar muito mais ameaçadora do que acolhedora, principalmente para os filhos.

### 2.3. O sentimento de apoio

Em que pese os investimentos nas relações com os filhos, principalmente por parte da mãe, constata-se o abandono do campo: a filha mais velha casada desa-

pareceu, dois filhos vivem na rua, a filha que trabalha e estuda sai de manhã e só aparece em casa depois das 22 horas, a outra passa o dia na creche, os meninos engraxates também passam o dia inteiro na rua — portanto, os filhos não parecem encontrar muito apoio na interação grupal.

Uma explicação possível para o fenômeno é que talvez a mãe tenha conseguido estabelecer tão-somente uma vinculação interpessoal com os filhos. Ela não deve ter conseguido estruturar a imagem de uma entidade grupal acolhedora, daí a dispersão.

## Conclusão

A imagem da interação familiar passada neste caso é a de um grupo que não consegue se manter como entidade autônoma, não só devido a problemas de ordem afetiva entre os parceiros, como também na esfera da sobrevivência. Não obstante a existência de vínculos maternos desenvolvidos com muito esforço e afetividade estes não foram suficientes para criar uma atmosfera de proteção. Ao lado da afetividade da mãe convive também um certo sentimento de fraqueza, de impotência que, percebido pelos membros, leva-os a se afastarem uns dos outros.

## Caso 4

## 1. Os investimentos no grupo

### 1.1. Os vínculos conjugais

Embora a primeira ligação materna não tenha sido satisfatória em decorrência da bebida e maus tratos, a segunda ligação (a atual), que já dura uns oito anos, é bastante razoável. Pelo menos é o que dá a entender a mãe ao se referir ao seu companheiro atual: “às vezes ele toma uns golinhos, fala umas bobagens, mas a gente não liga... afinal, ele é boa gente...” Pôde-se inferir da entrevista que os dois conseguem estabelecer uma certa relação de cumplicidade (são as alianças), tentando se desculparem mutuamente, talvez até em virtude das grandes dificuldades de sobrevivência que enfrentam.

### 1.2. A presença física

A mãe se encontra disponível o tempo todo, pois, até fazendo algum trabalho fora — como, por exem-

plo, a lavagem de roupa —, as suas atividades são realizadas em torno de sua casa, uma vez que se destinam ao atendimento da vizinhança. Os filhos, mesmo os que trabalham fora, têm uma rotina na qual a casa é o seu ponto de reunião. Os filhos que trabalham na feira (dois) regressam à casa às 14 horas para almoçar e descansar; outros dois filhos trabalham como aprendizes de mecânico, numa oficina na mesma rua em que residem. Existem ainda duas filhas que trabalham no comércio, no mesmo bairro. O seu companheiro trabalha de pedreiro, na maioria das vezes nas redondezas, e, segundo a mãe, à noite está todo mundo em casa.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

As condições de habitação são bastante precárias, tendo em vista, principalmente, o grande número de pessoas (onze) que habitam numa casa de proporções bem reduzidas. A casa, entretanto, possui um terreno bem grande e é interessante que no dia da entrevista, um domingo, a família estava toda reunida e animadamente engajada em preparar o almoço. Com exceção daqueles que estavam ainda trabalhando na feira, o restante dos filhos se distribuía em diversas tarefas domésticas, desde a limpeza até a preparação dos alimentos. Havia mesmo uma certa manifestação de contentamento para com as atividades domésticas, por parte dos membros da família, no momento da entrevista: as crianças correndo e jogando bola no quintal, o rádio tocando e os irmãos conversando animadamente com a mãe. O que chamou a atenção foi o fato de que a mãe supervisionava os trabalhos brincando com os filhos e outras pessoas que estavam presentes.

Com relação às condições mínimas de sobrevivência, as dificuldades são visíveis. A começar pelo próprio local de moradia, daço que a família mora de favor: “a casa é de um ex-cunhado que deixou a gente morar lá até arrumar uma outra coisa pra viver... ‘tô pagando Cr\$ 2.000,00, mas sei que qualquer coisa aqui por perto’ tão cobrando Cr\$ 20.000,00. Além das casas estarem caras, não acha não... pobre não dá conta não...” Segundo a mãe, o que consegue minimizar as dificuldades que enfrentam é que todos os meus filhos ajudam um pouco, um tantinho que seja já serve... Até os miudinhos carregam coisas pras vizinhas... a ajuda dos vizinhos também... um vem e dá uma coisinha... Às vezes eu lavo uma mala de roupa, um vem me dá um litro de óleo, um saco de arroz... a vida aqui em casa não é fácil, não... Eu gasto vinte quilos de arroz por semana... tá nascendo neto, eu tenho que cuidar, também... tenho uma filha que é doente da cabeça, que me dá muito trabalho... ela tem que tomar remédio... mas, a gente não tem...”

Um outro tipo de dificuldade diz respeito à escolarização: “agora, por exemplo, não tem ninguém na escola... porque no colégio que eles ‘tavam não deixava eles entrar sem a lista de material: primeiro era o uniforme, depois o material... É o que eu digo pra eles: tem de dar um jeito de trabalhar, pra comprar material pra estudar...”

## *1.4. As experiências compartilhadas*

As atividades domésticas foram um exemplo vivenciado pelo entrevistador dos investimentos de cada membro para um projeto comum — a realização do almoço. Segundo a mãe, “os filhos são tudo muito bom... tudo que eu peço pra eles me ajudar eles fazem... Tem dias que eu estou tão cansada... aí eu peço pra eles arrumar alguma coisa, eles vão... São uns meninos muito bom... nisto eu sou muito agradecida...”

O menor que trabalha na feira fez questão de frisar na sua entrevista que ganha uns Cr\$ 300,00 por feira e dá uns Cr\$ 200,00 para a mãe, às vezes mais: “o resto eu junto pra comprar roupa...”

## *2. Os retornos grupais*

### *2.1. Os vínculos filiais*

Em relação às figuras do pai (para os filhos mais novos) e do padrasto (para os filhos mais velhos) parece não existir muita aceitação. Segundo a mãe, “os meninos, principalmente os mais velhos, não gostam muito dele, não... ele é muito fechado... muito sem carinho com os meninos... Mas não judia, não, ele não é de maltratar e nem de bater... ele não gosta muito é de zumbido nos ouvidos...”

Em contrapartida, a mãe parece ser uma figura muito prenante, muito ativa, muito alegre e que consegue passar muita afetividade na relação que desenvolve com os seus familiares. O tempo todo em que a mãe foi entrevistada todos os filhos presentes vinham periodicamente se pendurar no pescoço dela, acariciá-la. Esta, comentando a respeito de seus filhos, disse em certa altura: “eles são muito carinhosos comigo e eu também com eles. Não tenho nada que reclamar deles... é o que a gente tem... o futuro que eu tenho até agora são os filhos...”

### *2.2. O sentimento de proteção*

Pela participação presenciada, pelo envolvimento relatado, tudo indica que os membros da família se sentem acolhidos por uma dimensão grupal familiar. A propósito, o menor do subemprego, quando entrevistado, mencionou que não gostava muito de sair de casa, que a melhor diversão para ele “era ficar em casa, jogando bola...” Este fato, aliás, foi confirmado por sua mãe, que declarou-se assim a respeito do mesmo: “acho que ele é um menino sofrido, porque não conhece o pai, trabalha, me ajuda, não reclama... joga bola, ouve o gravadorzinho dele... agora, é um menino muito amigo, pronto para ajudar no que a gente precise...”

## 2.3. O sentimento de apoio

Uma das características mais interessantes da dinâmica desta família é que, não obstante as grandes dificuldades, a mãe desempenha um papel de grande estimuladora da dimensão grupal. A forma como ela relata as dificuldades e a maneira como busca encontrar saída é muito pessoal. A sua expressão “mexendo com o meu povo” é bem indicadora do que ela sente em relação ao grupo familiar. Aliás, ela acredita que realmente é uma forma de enfrentar os obstáculos, quando frisa, em relação aos filhos: “é o que a gente tem... o futuro que eu tenho até agora são os filhos”.

Uma prova convincente de que a dinâmica familiar é bastante participativa está não só no apoio que recebe dos vizinhos, como também no tempo que os filhos permanecem em convívio familiar.

## Conclusão

Esta família, embora enfrente um enorme desafio para sobreviver, apresenta, no entanto, uma dinâmica familiar muito acolhedora. Observa-se uma certa coesão entre os seus membros e a sensação de um coletivo que compartilha não só as dificuldades como as alegrias. A mãe, a todo instante, procura incutir nos filhos a necessidade de se ajudarem uns aos outros e estes, ao que parece, respondem afirmativamente, assumindo os compromissos de ajuda familiar não só com dinheiro, como no nível das tarefas domésticas. A maneira como a mãe se refere ao companheiro dá a entender que a relação é de alguma forma gratificante.

### Caso 5

## 1. Os investimentos no grupo

### 1.1. Os vínculos conjugais

O casal convive há dezenove anos e, pelo menos na entrevista, passou um certo clima de entendimento bem razoável. Demonstraram um nível de concordância muito grande em relação às dificuldades financeiras da família, aos projetos, às preocupações familiares e, principalmente, à educação dos filhos, o que põe em destaque uma certa aliança existente entre ambos. Um outro aspecto que chamou a atenção foi o respeito demonstrado em relação às opiniões manifestadas por cada membro. Ninguém invadiu o espaço de resposta do outro tentando dar palpites sobre o

que o outro deveria ou não dizer, o que demonstra um grau de aceitação mútua bem acentuado.

### 1.2. A presença física

Devido aos desafios da sobrevivência familiar, tanto o pai como a mãe são obrigados, atualmente, a se ausentarem por muito tempo do convívio familiar. O pai, nos dias normais, sai antes das 04:00 horas da manhã e só retorna por volta das 16:00 horas. A mãe, enquanto os filhos eram pequenos, trabalhava com costura, primeiramente em casa e, depois, em sociedade com uma vizinha, na casa desta. Agora que os filhos estão crescendo (a filha com 16 e o filho com 15 anos), ela trabalha numa indústria de confecção, saindo de casa às 06:30 horas e regressando às 18:30 horas. Entretanto, chega em casa ainda a ponto de preparar o jantar.

O que se constata é que as obrigações de cada membro não impedem que todos compartilhem as noites juntos, bem como os fins-de-semana.

### 1.3. A sobrevivência do grupo familiar

A casa apresenta uma boa organização e, como são poucas pessoas (o casal e dois filhos), parece ser fácil a sua manutenção. As atividades domésticas estão bem estruturadas, dado que a filha se incumbiu, de segunda a sexta-feira, após o regresso da escola, de arrumar a casa, fazer o seu almoço e começar o jantar.

Todos os outros membros almoçam fora e a mãe, ao chegar em casa à noite, termina o jantar e prepara a marmita (o almoço do dia seguinte) para ela e para o marido. Durante a entrevista, a mãe declarou o seguinte: “pensando bem, em casa eu trabalho mais que no serviço... a gente que é dona de casa é sempre sacrificada...”

Em relação à obtenção das condições mínimas de sobrevivência, ainda que enfrentando as dificuldades que os assalariados sofrem, principalmente os de baixa renda, conseguem sobreviver razoavelmente. As preocupações maiores da família estão voltadas para a ampliação da casa que, sendo própria, requer obras para um maior conforto. Segundo o pai, agora que a esposa voltou a trabalhar na indústria, talvez este ano possa terminar mais uma peça da casa.

### 1.4. As experiências compartilhadas

A organização doméstica é um exemplo bem significativo da maneira como a família consegue se estruturar, investindo em atividades para o coletivo e, assim, melhor capacitando a todos a enfrentar a luta pela sobrevivência. O que se observa é que para que a mãe

pudesse aumentar a renda familiar, houve uma total rearticulação doméstica, sem prejuízo, no entanto, daquilo que parece ser a maior preocupação da família — a educação para o futuro.

Interessante ainda registrar que o pouco dinheiro ganho pelo menor no subemprego (jornaleiro) também serve de contribuição à renda familiar, uma vez que, segundo ele, depois de uma semana de trabalho ganha uns Cr\$ 800,00, sendo que dá para a mãe uns Cr\$ 500,00 ou Cr\$ 600,00 e fica com o restante para comprar roupas.

## 2. Os retornos grupais

### 2.1. *Os vínculos filiais*

Os pais parecem transmitir bastante tranquilidade aos filhos. Estes, em plena adolescência, desenvolvem o padrão classe média de exigências: festinhas, roupas e tênis com etiqueta e aparelhagem de som. Os pais, por outro lado, sem entrar em polêmica, deixam transparecer a excessiva preocupação com estudo, profissão e futuro daqueles. Ambos expressam na frente dos filhos que desejam que eles estudem “para não dar um duro igualzinho eu e o pai deles...”

Pela interação observada durante a entrevista pôde-se inferir uma relação muito intensa entre os membros. O pai, mais tranquilo, a mãe, mais preocupada com a falta de controle sobre os filhos e estes, brincando com a preocupação da mãe. Mas, o que é importante, todos participando intensamente da troca de idéias.

### 2.2. *O sentimento de proteção*

A forma como todos os membros se comportaram, a manutenção responsável da rotina da casa, sem que exista um controle mais rígido, e a forma como se trataram, dão a entender que existe um clima de acolhimento e segurança na convivência familiar.

### 2.3. *O sentimento de apoio*

A preocupação dos pais em dar o melhor em educação para os filhos é uma constante. A grande frustração manifestada pela mãe em relação ao seu filho, deve-se ao fato de ele ter abandonado a atividade de guardamirim<sup>1</sup>, o que permitiria ao menor, além de ganhar um ordenado, ser profissionalizado: “se permanecesse lá até completar 17 anos, primeiro faria um curso de dati-

lografia e depois estagiaria numa repartição do governo do Estado e assim estaria com o futuro garantido”, acrescentou o pai. Entretanto, o filho abandonou aquela atividade porque queria ganhar mais.

O outro motivo que preocupa, principalmente a mãe, nessa atividade de jornaleiro escolhida pelo filho, é que, fora de controle, ele pode vir a andar em más companhias. Mas mesmo assim respeitaram o direito do filho decidir e escolher uma outra atividade que não a desejada por eles.

## Conclusão

Esta família, ao que tudo indica, é bem estruturada, tanto no plano afetivo, como no plano da sobrevivência. A sua dinâmica demonstra as preocupações que ocorrem em todos os grupos familiares participantes — a educação e o futuro dos filhos. O sentimento de grupo está profundamente demarcado nas atividades dos pais e seus investimentos, nas atividades domésticas da filha e na contribuição salarial do filho.

## Caso 6

### 1. Os investimentos no grupo

#### 1.1. *Os vínculos conjugais*

Apesar da longa convivência, pois se encontram juntos há dezenove anos, o pai, pelo menos na entrevista, não deixou transparecer nenhuma forma de afetividade em relação à companheira. A maneira como relatou o início de sua ligação foi a mais impessoal possível, como se estivesse combinando um negócio com o cunhado. Fora esta alusão, nenhuma outra referência fez à sua companheira.

#### 1.2. *A presença física*

Durante onze anos, desde que ele e a mulher entraram para a Limpeza Urbana, estiveram ausentes de casa de segunda-feira a sábado, das 05:30 às 20:00 horas. Quando começaram nesta atividade, o filho mais velho (papeleiro) estava com 4 anos. “De manhã, quando nós saía, nós deixava o café pronto... deixava o dinheiro, aí eles ia e comprava um pão pra eles... aí ficavam os dois mais pequenos...”

1. Faz parte de um programa de treinamento da Fundação de Promoção Social de Goiânia.

O pai trabalhou até o ano passado, sendo que a mãe ainda continua trabalhando na Limpeza. Hoje em dia o pai faz biscate de pedreiro, durante o dia, e trabalha de vigia, durante a noite.

Pelo que foi dito pelo menor entrevistado, devido à luta pela sobrevivência, tanto a figura do pai como a da mãe estiveram bem ausentes da dinâmica familiar.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

Parece que as atividades domésticas são muito complicadas. O pai disse que não tem tempo, a mãe só chega a partir das 20:00 horas e vem muito cansada, o filho mais velho (o papeleiro) fica a maior parte do tempo fora de casa (inclusive, mora no depósito). Resta, então, uma menina de 11 anos e um menino de 9, que, segundo os pais, “têm de se virar...”

No que tange à obtenção das condições mínimas de sobrevivência, moram num lugar afastado, numa casa razoável situada num terreno muito grande, todo arborizado. Segundo o pai, primeiro compraram o terreno e depois construíram a casa, que necessita ainda de melhorias. Em verdade, a renda familiar é para sustentar o casal e os dois filhos menores, já que o filho papeleiro praticamente não dá despesa e até, de vez em quando, “resolve dar um presente... compra um bujão de gás...”

### *1.4. As experiências compartilhadas*

Da entrevista nada surgiu que pudesse insinuar a existência de alguma atividade compartilhada, a não ser a contribuição para a renda familiar. Mas, mesmo assim, parece que é a mãe a grande provedora dos recursos financeiros, uma vez que o pai é biscateiro. Quanto ao filho mais velho, quase que não toma conhecimento da casa, pois, segundo o pai, “tem tempos que ele some mais de uma semana...” Segundo o próprio menor, sua renda é de cerca de Cr\$ 1.000,00 por dia e, mesmo assim, não se compromete com nenhuma parcela para a renda familiar.

## *2. Os retornos grupais*

### *2.1. Os vínculos filiais*

A ausência dos pais e a falta de iniciativa do pai sugerem uma relação muito tênue entre os membros, principalmente os filhos. O pai acha que o seu filho (o papeleiro) “é um menino simples, obediente, não

cria caso... precisa de orientação...” Disse que o que falta para a família ficar boa “é recuperar o filho... tem dia que ele não vem pra casa, a gente fica preocupado, a gente não sabe o que ele está fazendo... mas a gente não pode fazer nada, a gente não sabe onde encontrar ele...”

Segundo o pai, a mãe também não pode fazer nada, porque ela trabalha muito.

### *2.2. O sentimento de proteção*

A família parece complacente, dando a impressão de falta de energia, de tónus, para enfrentar a realidade. O pai falava como se estivesse resignado com o destino do filho. Segundo o que se depreende da entrevista, foi o próprio menor que desde os 10 anos de idade tomou a iniciativa de trabalhar na rua. Primeiramente começou a vender doces e depois resolveu catar papel.

Segundo o pai, quando o filho resolveu ser papeleiro, eles ficaram aborrecidos: “a gente não gostava porque a gente via as crianças na rua, mas ele dizia que era pequeno e não podia arrumar outro serviço... Nós também não tinha tempo de arrumar outro serviço...”

Uma informação esclarecedora a respeito do grau de acolhimento do grupo familiar é o fato de que o menor passa às vezes a semana inteira dormindo num depósito de papel, cujas condições são péssimas, muito piores do que as que possui em sua própria casa.

### *2.3. O sentimento de apoio*

Ao que tudo indica, os pais não querem perceber que o filho está, efetivamente, se afastando de casa. Nada fazem para trazê-lo de volta, a não ser um relato de que ambos (pai e mãe), após um longo período de ausência do filho, resolveram ir procurá-lo. Descobriram o local onde trabalhava e foram falar pessoalmente com o patrão dele. Na ocasião, este senhor tranqüilizou-os, dizendo que não se preocupassem porque o dia em que o menor não fosse para casa é porque iria dormir no depósito e lá estaria em segurança. Depois desta conversa, então, eles ficaram um pouco mais tranqüilos.

Durante a entrevista, o pai teve um momento em que começou a refletir sobre o que dizia e chegou à seguinte conclusão: “eu tô vendo que demos excesso de liberdade pra ele, desde da época que ele começou a vender doces... ele falava que não vendia, ficava com o dinheiro... tudo isto nós tinha que corrigir... agora, tá mais difícil...”

## *Conclusão*

A impressão que passa é de um grupo familiar no qual os membros estão desarticulados, cada um acomodado na sua realidade individual, sem se preocu-

Fig. 2

## Quadro resumo das análises da dinâmica familiar realizadas nos casos estudados

FAMÍLIAS	Investimentos no grupo					Retornos grupais			Dimensão grupal
	Vínculos conjugais	Presença física	Condições de sobrevivência do grupo familiar		Experiências compartilhadas	Vínculos filiais	Proteção	Apoio	
			Atividades domésticas (produção interna)	Sobrevivência dos membros do grupo*					
Caso 1 (menino menor de rua)	Rejeição	Pai-presente sem participação Mãe-ausente	Inconsistente	Razoável	Inexistente	Pai-inexistente Mãe-pouco consistente	Ameaçador	Inexistente	Quase inexistente
Caso 2 (menino menor de rua)	Inconsistente	Pai-inexistente Mãe-ausente	Inconsistente	Razoável	Inexistente	Pai-inexistente Mãe-consistente	Pouco consistente	Inexistente	Quase inexistente
Caso 3 (menina menor de rua)	Rejeição	Padrasto-presente sem participação Mãe-Prezente	** Inconsistente	Crítica	Pouco Frequentes	Padrasto-inexistente Mãe-consistente	Ameaçador	Inexistente	Quase inexistente
Caso 4 (menino menor do subemprego — fretista)	Consistente	Padrasto-presente Mãe-presente	Consistente	Crítica	Intensas	Padrasto-pouco consist. Mãe-consistente	Consistente	Consistente	Consistente
Caso 5 (menino menor do subemprego — jornaleiro)	Consistente	Pai-presente Mãe-presente	Consistente	Razoável	Intensas	Pai-consistente Mãe-consistente	Consistente	Consistente	Consistente
Caso 6 (menino menor do subemprego — papeleiro)	Não observado	Pai-presente sem participação Mãe-ausente	Inconsistente	Razoável	Inexistente	Pai-pouco consistente Mãe-não observado	Pouco consistente	Inexistente	Quase inexistente

(\*) A categorização razoável/crítica só tem valor comparativo, pois que se trata de uma população cuja renda *per capita* média é de 1/2 SM.

(\*\*) Deve-se considerar, neste caso, que a mãe sofre de problemas graves de visão, o que prejudica os seus movimentos.

par muito um com o outro. A mãe, preocupada com o seu trabalho e independência financeira. O pai, com os seus biscates. O filho, em fazer a sua vida fora de casa. Devido a essa ausência de engajamento, falta autoridade aos pais para reorientar o filho, que lhes parece se encontrar numa trilha perigosa, uma vez que os vínculos já estão muito fragilizados.

### 3. Alguns aspectos da convivência familiar: entre a interdependência e a desintegração grupal

**A** reflexão sobre os relatos e respectivas análises efetuadas sugerem imagens bem diferenciadas sobre as dinâmicas das relações estabelecidas no interior dessas famílias. A impressão que fica é a de que as famílias convivem num clima que varia das manifestações de forte coesão grupal ao total alheamento das pessoas umas para com as outras — a desagregação contínua.

No exemplo da família do caso 4 a idéia é de que as pessoas convivem em grande interdependência como a formar uma grande estrutura monolítica para enfrentar os problemas, pois, a despeito das imensas dificuldades, elas permanecem unidas e preocupadas, não só com a sua sobrevivência, como também pela dos demais membros.

Já no outro pólo se encontram exemplos cujos relatos acentuam a ausência de compromissos comuns e predisõem a construção de imagens nas quais se vislumbram os membros totalmente livres e desimpedidos para encontrarem soluções para os seus respectivos problemas individuais, onde a convivência com os demais se dá num clima de hostilidade e violência, enfim onde se observa um processo constante de desintegração familiar.

A existência, contudo, de múltiplas combinações de elementos impede que se chegue, de imediato, a uma explicação satisfatória das causas responsáveis. Por isso mesmo, a necessidade de se levantar as características marcantes de cada caso com o intuito de se identificar as variáveis que, de uma forma ou outra, contribuem para o fortalecimento ou enfraquecimento das ligações familiares.

#### Aspectos favoráveis à integração familiar

Na leitura do quadro resumo (Figura 2) destacam-se as famílias dos casos 4 e 5, pois foram estas as que

obtiveram melhor pontuação no item dimensão grupal. De fato, esta e outras informações se confirmam nos depoimentos, embora isto só não baste, uma vez que o que se deseja, em verdade, é conhecer as razões de tal dinâmica.

#### A afetividade e a integração familiar.

Segundo o que indica o quadro resumo, em princípio, as seguintes variáveis chamam a atenção pela capacidade de discriminação exibida: a relação entre os parceiros (mãe/padrasto e pai/mãe), a presença física constante da mãe, o envolvimento dos membros nas atividades domésticas e as experiências comuns compartilhadas.

Entretanto, uma maior atenção sobre as articulações retratadas conduzem à constatação do importante papel da afetividade. É importante relembrar, fazendo referência ao modelo teórico utilizado, que a energia afetiva diz respeito não só ao prazer sexual obtido pelos parceiros, como ao reforço do desejo de estar com o outro, de se aproximar do outro, de dar e receber energia, a qual deve circular, principalmente, entre os membros mais frequentes na família — pais/filhos/irmãos. Isto é o que de certa forma se verifica nos casos cujas famílias foram consideradas as mais integradas. As manifestações de afeto entre os parceiros explicitadas nos depoimentos e presenciadas durante as entrevistas são uma evidência empírica bastante significativa, capaz, inclusive, de explicar o porquê estas famílias conseguem sobreviver mesmo diante de tantos obstáculos. Acontece que os organizadores do grupo familiar alimentam-se, simultaneamente, das trocas entre os parceiros (os reforçadores dos vínculos conjugais) e da interação pais/filhos/irmãos (os vínculos filiais). Tal vinculação contribui de uma forma decisiva para dar sentido aos esforços dispendidos para alcançar as metas de produção familiar. Justifica-se assim a motivação para superar obstáculos, ajudar aos outros, buscar alternativas para o grupo, encontrada em membros de famílias que, às vezes, enfrentam situações dramáticas de sobrevivência. Este empenho decorre, sem dúvida, de um certo nível de gratificação afetiva, sem o que ela dificilmente se sustentaria.

Por outro lado pode-se observar o que acontece nas dinâmicas das famílias em que não há indícios de prazer na relação entre os parceiros, como, principalmente, se depreende dos relatos dos casos 1 e 3. Em vez de afeto, a rejeição, a violência e a conseqüente emergência de um clima ameaçador, responsável pela dispersão gradativa de seus integrantes. As relações de desprazer mantidas pelos parceiros, com o tempo se transformam em ódio, o que pode, inclusive, vir a tomar-se um perigo à sobrevivência dos membros da família. Um exemplo disto é o que ocorreu no caso 3, no qual o padrasto tentou matar com o auxílio de um travesseiro sua enteada, na época uma criança de três meses, hoje uma menina de rua (entrevistada), sob a alegação de que a criança chorava muito. Interessante, ainda, é o fato de que esta menina, de certa forma,

se encontra viva, porque sua mãe, após presenciar algumas tentativas de assassinato da filha pelo mesmo padrasto, permitiu o seu afastamento de casa, ou seja, a sua expulsão para a rua.

Esta ocorrência merece sem dúvida uma melhor reflexão, uma vez que se observa que, diante de uma casa onde a violência reside, a rua pode até vir a ser um local mais seguro.

## A presença de uma figura forte e a integração

A simples menção da variável presença física, como originalmente aparece na avaliação efetuada, talvez não seja suficientemente esclarecedora. Embora a ausência represente uma das formas mais efetivas de extinção dos compromissos grupais, observa-se em alguns casos estudados que a presença física da mãe e do pai não foi, por si só, suficiente para garantir um adequado nível de integração grupal.

Nos casos 1 e 3, por exemplo, a presença dos pais é constante, mas dentro de um clima de grande hostilidade, o que resulta ser muito mais desintegrador.

Por outro lado um fenômeno, aqui denominado “síndrome da casa vazia”, parece retratar com suficiente clareza a perplexidade da situação que, infelizmente, parece cada vez mais freqüente, principalmente nas camadas mais pobres da população. Trata-se do relato no caso 2, cujo menino foi para rua aos três anos, talvez em busca de algum contato humano, já que a mãe, na época o único adulto da casa, se ausentava por motivo de trabalho das 05:00 às 21 horas.

Em que pese a situação descrita conter um alto poder desagregador, o fato de esta mãe estar presente não garantiria, por si só, a integração familiar. Não se trata de relativizar a importância da variável, mas sim chamar a atenção para o fato de que existe algo mais significativo do que a simples presença física: uma espécie de “presença psicológica” — esta, sim, capaz de funcionar como um verdadeiro aglutinador grupal.

Um exemplo talvez seja mais elucidativo. No caso 4 a presença da mãe é tão atuante que pode servir de modelo. Fruto de sua energia, de sua capacidade de organizar a família, distribuindo tarefas e estimulando as realizações conjuntas, de sua disponibilidade para ouvir e aconselhar, de suas iniciativas em buscar ajuda onde for possível, de incentivar, inclusive nos filhos pequenos, a necessidade de cooperação para com o coletivo, ela se tornou para aquele grupo, dentro e fora de casa, uma figura onipresente. É, pois, este tipo de presença que se deseja destacar, dada a capacidade de promover um forte sentimento de identificação grupal.

Obviamente que o exercício deste papel requer um grande investimento de energia, que carece, por seu turno, da alimentação de um combustível específico — a afetividade. Este é então o motivo pelo qual se considerou a “figura forte” como a resultante da combinação de variáveis.

No caso 3 podemos encontrar um outro exemplo, ao contrário, no sentido de que a mãe simboliza uma

“figura fraca” isto é, ainda que presente, fisicamente, lhe falta energia para atuar organizando e integrando a família. Os filhos, como os que atualmente vivem na rua, embora a estimem, sentem por ela uma espécie de pena, por julgá-la inclusive incapaz de enfrentar os desafios da vida. É como se eles se sentissem mais capacitados do que a mãe para enfrentar a vida. Esse quadro de “desânimo existencial” exibido pela mãe, se analisado sob o prisma da afetividade, ganha contornos nítidos devido à longa e traumática relação de rejeição mantida com o seu parceiro durante anos. Uma vida de total desprazer e violências, em todas as esferas, tanto na afetiva como na material.

Mas, retomando-se a mencionada “síndrome da casa vazia”, com o intuito de refletir-se sobre alguns aspectos ainda não muito claros, observa-se que a discussão deve se reorientar para a questão da mulher — mãe e trabalhadora — numa sociedade cujas famílias apresentam cada vez mais uma estrutura matrilinear e, portanto, assume o papel de responsável pelo crescimento econômico da família (Alves, Capítulo 5 desta publicação).

Por isto mesmo, esta constatação se constitui num grande problema. Parece, no primeiro momento, tratar-se de um impasse do tipo “preso por ter cão, preso por não ter cão”. Se a mãe fica em casa e não consegue trabalho, faltam os recursos para a sobrevivência da família; se a mãe sai para trabalhar e não fica nenhum adulto em casa, instalam-se as condições favoráveis à “síndrome da casa vazia”, com a conseqüente ameaça à desintegração familiar. A construção de creches, ao lado de políticas de emprego que aproveitem a mão-de-obra feminina, parecem alternativas, pelo menos em princípio, para enfrentar o dilema apontado.

A influência da “figura forte” ainda merece algumas considerações no tocante a um outro aspecto, também mencionado no modelo teórico — a autoridade. Esta questão se reveste de grande relevância, tendo em vista as constantes manifestações de violência encontradas nas famílias pesquisadas, não só na análise quantitativa realizada (Alves, Capítulo 5), como nos casos 1, 2 e 3.

A figura forte na família é aquela pessoa com a qual os membros se identificam, imitam, respeitam. Logo, é aquela pessoa que possui autoridade, um grande poder de orientar, enfim, de controlar. Por isto mesmo se infere a importância da “presença de uma figura forte” no aprendizado da vida de relação, na incorporação das regras de convivência, na internalização de valores e normas, em suma, na socialização dos integrantes da família.

A importância das figuras fortes nos grupos pode ser bem aquilatada quando se reflete sobre o papel dos chefes de bando, verdadeiros responsáveis pelo processo de socialização a uma nova “cultura” das crianças e adolescentes que buscam o caminho da rua, conforme a análise sócio-antropológica realizada por Vogel e Mello (Capítulo 6 desta publicação).

É importante considerar que nas manifestações de poder pela violência não existe a figura forte, pois o que alimenta a relação é o sentimento de rejeição — o medo.

A diferença, portanto, se encontra no fato de que a imagem da “figura forte” se constrói com a afetividade, com a disponibilidade, com os investimentos de energia, enfim, com a presença atuante.

## A socialização das atividades domésticas e a integração

Uma família pode e deve ser percebida pela perspectiva de uma organização social da produção e, por isto mesmo, necessita que os insumos de manutenção sejam constantes. Acontece que um grupo nos quais os seus integrantes se julguem sobrecarregados e explorados dificilmente poderá se manter estruturado. Faz-se necessário, portanto, que as pessoas sintam que a distribuição de responsabilidades e os esforços para o coletivo sejam compartilhados de uma forma considerada justa. Entende-se, logo, que a maneira pela qual os componentes de uma família participam das atividades domésticas dizem muito do seu grau de interdependência.

Entretanto, há na realidade brasileira uma espécie de “tradição cultural”, ou, em outras palavras, preconceitos, que alimentam a divisão de tarefas da família. Em princípio, a administração e execução das tarefas domésticas são atribuições das mulheres (mães e filhas). A este respeito, convém lembrar o depoimento da mãe do caso 5, que menciona o fato de que estava se dando conta de que trabalhava mais em casa do que na fábrica.

O que, de repente, entra em cena, é a constatação de que a maioria das mulheres (principalmente as pertencentes às camadas mais pobres, as quais, por isso, não podem se valer do concurso de empregadas domésticas) sofrem os efeitos discriminadores do machismo nas tarefas domésticas e, por conseguinte, enfrentam uma dupla jornada de trabalho.

Sem dúvida, este preconceito deve ser abolido, não só porque significa um problema de consciência moral (a extinção das injustiças e desigualdades entre os homens), como também se constitui num fator de grande insatisfação e desarmonia na família. A leitura dos relatos confirma esta evidência de que as famílias mais integradas são aquelas que apresentam o maior nível de cooperação e distribuição de atividades domésticas.

O contrário (como observado nos casos 1 e 2, nas quais as crianças mais velhas se sentem exploradas pelos demais) significa um forte estímulo desintegrador. Mas, então, o que fizeram as famílias dos casos 4 e 5 para obterem este efeito de participação tão elevado nas atividades domésticas? Como sempre, o efeito integrador é uma decorrência da combinação de variáveis.

No fenômeno específico, a resposta se encontra nos papéis desempenhados pela mãe (caso 4) e pelos pais em conjunto (caso 5), que foram capazes de organizar as suas respectivas famílias, distribuindo e participando de tarefas solidárias e independentes, enfim, democratizando a família. Em verdade, trata-se da atuação destas “figuras fortes”.

Contudo, é interessante atentar-se para a peculiaridade de que a maioria das atividades domésticas são rejeitadas, principalmente, pelos filhos adolescentes. Logo, a sua aceitação requer algum sentido, alguma forma de gratificação. O entusiasmo presenciado durante a entrevista realizada com a família do caso 4 é um fato notável, dado que se tratava de cinco irmãos e irmãs adolescentes que se encarregavam de juntos

prepararem o almoço comemorativo do dia dos pais. Isto é uma prova de que as atividades domésticas devem ter um sentido — a coesão. Por outro lado, não se pode deixar de mencionar o fato de que esta família representa um grupo, cuja participação é altamente gratificante para cada um dos seus membros.

Este mesmo fenômeno pode ser analisado pela ótica do contraste, ou seja, do efeito inverso. É o que ocorre com as famílias dos casos 1 e 3, cujos vínculos já estão muito fragilizados, que sequer conseguem realizar para o conjunto atividades básicas como a elaboração da própria comida. É importante ressaltar que não se trata de falta de recursos financeiros para aquisição de alimentos, mas sim da total indiferença para com os demais membros. O quadro é mais agravante quando se constata que a mãe se encontra enferma, com problemas de visão e, por conseguinte, carece de quem lhe prepare as refeições.

Infelizmente, neste caso, não existe nenhuma “figura forte”, com energia suficiente para organizar e socializar as atividades domésticas desta família — torná-la um pouco mais interdependente e solidária. Como resultado de uma dinâmica familiar totalmente desintegrada, o que se verifica é que esta família não habita mais uma casa, mas sim um dormitório. Quanto menos atividades em comum, menos interação entre os membros, menos circulação de energia, mais enfraquecimento dos vínculos, até que se extinguem.

Portanto, a participação de todos os membros nas atividades domésticas deve ser encarada como um importante aspecto do equilíbrio familiar. Resta atentar-se para o fato de que se torna imprescindível reparti-los igualmente, criteriosamente, garantindo, em suma, que eles sejam compartilhados.

## As condições econômicas e a integração

Conforme aponta o quadro resumo, a variável “condições de sobrevivência do grupo familiar” não apresenta um grande valor de discriminação entre as dinâmicas das famílias estudadas. Das duas famílias que enfrentam maiores dificuldades econômicas, uma foi considerada das mais integradas (caso 4) e outra, das mais desintegradas (caso 5).

Entretanto, o fator econômico não pode deixar também de ser levado em consideração, ainda mais quando se aprecia uma variação dos efeitos, dentro de uma dimensão temporal mais dilatada. Aliás, a contínuada perda de poder de consumo dos salários bem exprimem as condições sufocantes com que os assalariados sobrevivem e, em especial, os de baixa renda, exatamente a nossa população alvo. Um exemplo talvez possa ser esclarecedor.

Não obstante os inegáveis resultados práticos obtidos pela família do caso 4 no seu intuito de enfrentar os obstáculos à sobrevivência, não se pode prever as reações futuras caso persistam as pressões a que está submetida. A propósito, a mãe declarou estar preocupada em relação ao aluguel da casa. Ela tem consciência de que o valor que atualmente paga ao seu ex-cunhado, a título de aluguel, é praticamente simbólico: a casa é

muito valorizada, ainda que seja pequena (três cômodos) e maltratada, pois é bem localizada e possui um terreno grande. Esse fato a obriga a conviver com seu ex-cunhado, que mora em outro imóvel dentro do mesmo terreno, com a conseqüente perda de privacidade e liberdade. A situação descrita serve para lembrar que imprevistos, provocados por pressões econômicas, podem vir a afetar a dinâmica familiar.

Apesar disto, sem desconhecer a relevância dos aspectos mencionados, o que se persegue é a necessidade de se conhecer o máximo de detalhes entre as variáveis atuantes envolvendo as diversas relações. Por isto mesmo, uma melhor compreensão do problema, inclusive das atuações das condições econômicas, impõe uma análise combinada de variáveis.

Se no caso 4 os efeitos da pobreza são minimizados pelo "efeito interdependência", no caso 3 estas mesmas condições são amplificadas pelo "efeito egoísmo"<sup>2</sup>. Acrescente-se ainda que, de todas as famílias entrevistadas, a que efetivamente possuía melhores condições econômicas de sobrevivência era a do caso 1. Entretanto, esta família, não obstante contar potencialmente com condições econômicas mais favoráveis, vivenciava, na prática, condições devastadoras de convivência, provocadas, tudo leva a crer, pela desintegração familiar. A ausência de qualquer vestígio de limpeza ou arrumação, os poucos móveis existentes e os utensílios quebrados, a falta de motivação para cuidar do preparo das refeições, tudo causava uma imagem desoladora das condições de habitação, resultado da dinâmica de interação desta família.

O que se pode inferir, neste ponto, é que, apesar da influência dos fatores econômicos na integração familiar, ela resulta de uma ação combinada com outras variáveis. A impressão que permanece é a de que quanto mais desintegrada a família, mais nítida se torna a influência dos aspectos econômicos, na medida em que a própria competição e violência entre os membros é alimentada, acabando por promover o desaparecimento da estrutura familiar.

## Conclusão

A reflexão sobre a atuação das diferentes variáveis e respectivas articulações responsáveis pela dinâmica familiar evidenciou alguns aspectos significativos deste fenômeno.

O primeiro é que, a despeito da razoável semelhança das condições de pobreza em que vivem, estas famílias se diferenciam quanto ao grau de integração/desintegração que apresentam. Como conseqüência, estas características produzem resultados diversos na forma pela qual enfrentam os efeitos perversos das pressões econômicas pela sobrevivência.

A segunda consideração é que, na comparação entre as dinâmicas das famílias mais integradas e as mais desintegradas, alguns aspectos se tornam bastante discriminatórios. Assim é que nas famílias mais integradas observam-se índices de gratificação na relação en-

tre os parceiros, com a explicitação de afeto e carinho entre os membros; o pai ou a mãe, ou ainda ambos, se converteram em "figuras fortes" para suas respectivas famílias, por sua presença ativa e participante, estimulando a cooperação e organizando os grupos; e, finalmente, constatou-se uma maior participação nas atividades domésticas, distribuídas entre os diversos membros. No que se refere às famílias mais desintegradas, registra-se uma maior manifestação de ódio, rejeição e violência entre os parceiros, extensiva aos demais membros; a ausência dos pais ou mesmo de algum adulto responsável, dando origem ao que se intitulou "síndrome da casa vazia"; a imagem que os pais transmitem para os filhos é de desmotivação, de desinteresse e mesmo de impotência para enfrentar o desafio da sobrevivência, transformando-se assim em "figuras fracas" para a família; e uma generalizada manifestação de atitudes de alheamento e egoísmo em relação ao desempenho das atividades domésticas, reduzindo a casa — o lugar da família — em simples dormitório.

Por fim, é importante mencionar que o grau de integração/desintegração de uma família vincula-se às percepções que os seus membros sustentam a respeito do grau de envolvimento para com os demais membros. O sentimento de pertencimento se reflete nas preocupações manifestadas em relação à reciprocidade de compromissos. Não se trata, pois, de um fenômeno estático, como se fosse um atributo definitivo, ou um estigma a marcar para sempre a família, do tipo "a família unida sempre será unida", ou, o inverso, "a família desintegrada nunca conseguirá unir-se". Ao longo da convivência ocorrem flutuações de compromisso; entretanto, é importante notar, elas representam estados que se situam sobre um eixo cuja trajetória oscila da solidão à solidariedade.

## A família e os quadros de tensão

### A família e o abandono da casa

Após as reflexões desenvolvidas, chega o momento de enfrentar as indagações iniciais. O que tem a família a ver com o problema das crianças e adolescentes que a abandonaram para viverem definitivamente na rua? Quais são as características da família que mais influenciam o aparecimento deste problema?

Neste ponto é oportuno lembrar àqueles "economicistas" mais radicais que, nem consciente nem inconscientemente, se deseja lançar a culpa na família, encobrendo assim as graves injustiças sociais existentes, em particular nas sociedades terceiomundistas<sup>1</sup>. Porém, o que se torna inegável é o fato de que, quais-

1. "Efeito interdependência" — do tipo "um por todos e todos por um".

2. "Efeito egoísmo" — do tipo "cada um na sua".

1. No primeiro mundo também se verifica este problema, todavia não em proporções alarmantes como no nosso. A Europa, por exemplo, atualmente observa um sensível aumento nos seus índices, devido principalmente ao acréscimo de imigrantes.

quer que sejam os condicionantes “macro”, é na família que se constata o fenômeno. Daí, a preocupação em enfocá-la, dissecando a sua dinâmica.

O que ocorre com as crianças e adolescentes, principalmente aqueles que pertencem a famílias que se enquadram nas condições de pobreza do universo pesquisado, é que elas vivenciam um estado de tensão constante devido ao conflito entre a fantasia e a realidade. Submetida a todas as pressões de consumo que a sociedade divulga através dos meios de comunicação, a criança sonha com um mundo que se encontra fora de sua casa. Os brinquedos, os aparelhos elétricos, a música, o estilo de vida jovem, as marcas da boutique, os alimentos enlatados, o shopping, os lugares da moda, fazem parte desse imaginário coletivo que simboliza a vida na cidade. Mas a realidade se encontra na sua casa. As tristes condições de habitação onde não existe lugar para brincar e nem brinquedos, tampouco um local só seu onde possa garantir uma certa identidade; as frustrações com a alimentação; o trabalho duro, fora e dentro de casa; a falta de tempo para brincar, se divertir, descansar — fazem parte das constatações do seu dia-a-dia. Aí vem a conversa com os amiguinhos, as histórias que ouve, o trabalho na rua e as novas amizades, e uma outra vida vai se configurando. Os que estão na rua não precisam trabalhar duro, eles têm liberdade, alguns chegam até a calçar tênis e vestir roupa de marcas famosas, comem nas lanchonetes, arranjam até um dinheirinho. De repente, a rua se transforma no eldorado, no lugar onde todos os desejos se realizam!

Mas, então, o que ainda retém a criança ou o adolescente em casa? Como comprova Tajfel (1972), as pessoas tendem a abandonar o grupo quando este não é capaz de satisfazer as suas necessidades. Logo, o que seria de se esperar é que todas essas famílias já tivessem desaparecido. Mas, a despeito do visível aumento da população de crianças e adolescentes nas ruas, que ora se observa na maioria de nossas cidades, o que se infere é que realmente a vinculação ao grupo familiar se distingue da vinculação aos demais grupos. A presença da afetividade, do sentimento de proteção e segurança, dos compromissos de interdependência, dos compromissos de lealdade e solidariedade, parecem ser a ação neutralizadora frente à grande atração que a rua exerce.

A situação assemelha-se a uma disputa entre dois campos de força, tentando cada qual atrair as partículas para o seu interior. Diante dessa imagem, a única força de que dispõe o campo família repousa na solidariedade.

Por outro lado, parece claro que nesse duelo de forças existem alguns aspectos da dinâmica familiar que atuam de forma a desequilibrar o quadro da tensão — são os responsáveis pelo efeito expulsão. O clima de violência, a falta de apoio, a falta de incentivo, a “figura fraca” dos pais e o respectivo quadro de impotência para enfrentar as adversidades do mundo, a obrigatoriedade de ter que trabalhar e retornar trazendo um dinheirinho para dentro de casa, sob pena de enfrentar a violência dos pais; enfim, todos ou alguns destes fatores funcionam, sem dúvida, como verdadeiros estímulos que favorecem o abandono da família.

A alternativa, pelo que se verifica, se encontra na integração da família, no sentido de que sejam estimu-

ladas a emergência e permanência daqueles fatores que se configuram mais acolhedores, extinguindo os que contribuirão para tornar a dinâmica familiar repulsiva.

## A família e o subemprego

“Lugar de criança é em casa ou na escola” — sem dúvida, esta é a afirmação mais antiga e, por que não dizer, a mais nova esperança de modernidade, a qual almeja países como o nosso. Falar então de trabalho infantil em condições de subemprego parece ser grave deformação social. Infelizmente, esta é a realidade com que se defrontam hoje milhares ou milhões de crianças que perambulam pelas ruas das principais cidades brasileiras, em busca de ganhos financeiros. Ainda que reconhecendo a calamidade da situação, sabe-se que, tendo em vista os condicionantes que envolvem o problema, dificilmente esse quadro será extinto da paisagem urbana brasileira a curto prazo. Por isto mesmo impõe-se um conhecimento mais minucioso dos diferentes matizes da questão, visando-se encontrar as medidas que, implementadas através de políticas, sejam capazes de contribuir para evitar maiores seqüelas à população infantil que se encontra no exercício dessas atividades.

Vale, inicialmente, mencionar as dificuldades encontradas para definir o que é subemprego, como apontam os documentos do UNICEF (nº 1 e nº 8). Considerou-se atividade de subemprego aquela ligada a uma economia informal, que não está, portanto, sob controle quanto a: salário, benefícios, horário (número de horas, diurno/noturno), natureza das tarefas, desgaste físico, pausas, riscos de acidente, alimentação, insalubridade, treinamento e horário escolar. Acrescenta-se ainda os riscos resultantes do longo período correspondente a uma jornada de trabalho passada na rua, fora da proteção da família e submetida, em alguns casos, a situações que se configuram bastante ameaçadoras, como tentativas de estupro, prostituição, drogas, assaltos.

Cabe, então, à pergunta: por quais motivos uma criança ou adolescente exerce uma atividade de subemprego? Qual a influência da família no exercício desta atividade?

A reação primeira à pergunta formulada é considerar a resposta como óbvia: se a criança ou o adolescente trabalha é porque lhe faltam recursos financeiros, seja à família ou ao próprio menino ou menina. É inegável o fato de que dificilmente se encontra uma criança ou adolescente da classe média trabalhando em condições de subemprego. Quando acontece exercem alguma atividade, esta se apresenta em condições especiais, pois, inclusive, todo o cuidado é tomado para não interferir com a escola. Entretanto, é bom recordar que, não obstante o universo da pesquisa ter sido o das famílias em condições de pobreza, as informações coletadas nem sempre revelaram a necessidade de complemento da renda familiar. Das informações prestadas, o que se apreendeu foi a referência aos seguintes fatores, como motivos de ingresso no mercado do subemprego:

- o complemento da renda familiar;
- a necessidade de profissionalização;
- a liberdade de consumo.

Assim é que existem famílias nas quais efetivamente as condições de sobrevivência impõem que, de imediato, todos os seus membros busquem uma forma qualquer de atividade remunerada. Nestes casos, os pais chegam até a ser violentos no sentido de obrigarem os filhos a ganhar uns "trocados". O curioso é que nesta mesma situação se encontram outras famílias, que, em princípio, possuem uma entrada financeira pequena porém regular, e que, no entanto, também obrigam os filhos, inclusive crianças maiores de seis anos, a trabalhar. Parece que estas atitudes têm origem nos hábitos que os pais trouxeram do campo, de onde migraram. Segundo alguns depoimentos de pais e mães, houve a menção constante ao fato de que "lá na roça", onde nasceram, desde cedo ajudavam os seus pais na lavoura. Na cidade, sob condições diferentes, as exigências continuam, mas os resultados são bem diferentes. Ouviu-se afirmações de pais que diziam ser sua obrigação educar os filhos até os nove anos, depois do que as crianças teriam que se "virar" comprando inclusive o seu material escolar, roupa, sapato e tudo o mais que precisassem.

Já outros pais mencionaram as suas preocupações a respeito do futuro dos filhos. As justificativas para o subemprego encontravam-se nas expectativas de profissionalização dos mesmos. Uma declaração interessante foi a de um pai que, preocupado com suas dificuldades financeiras, reclamava a colaboração dos filhos e, ao mesmo tempo, mencionava que a filha de 16 anos estava sem trabalho porque "a menina só estuda... Acho que não vale a pena trabalhar como empregada doméstica, não ajuda nada, não vale para arranjar um emprego melhor para o futuro e ainda tem de parar de estudar...". Foram inúmeras ainda, em outros depoimentos, as referências ao fato de os filhos menores trabalharem em oficinas mecânicas, carpintarias, serralherias, quase clandestinas, do tipo "fundo de quintal", sem receber remuneração alguma, pois a finalidade era "aprender um ofício". Vale lembrar que estas oficinas, normalmente, apresentam péssimas condições de trabalho até para um trabalhador adulto, o que não dizer para crianças ou adolescentes.

Cada vez mais se observa a necessidade de ensino profissionalizante, que garanta a formação profissional e, também, remunerar as crianças ou os adolescentes na medida da sua produtividade, a fim de motivá-los.

O último tópico, então, refere-se à decisão da criança ou do adolescente de trabalhar para poder comprar as suas coisas e, também, "quem sabe ajudar um pouquinho à família...". O que se observou nestes casos foi que, por se tratar de iniciativa da própria criança ou adolescente, as reações podiam ser melhor entendidas se analisadas em conjunto o binômio subemprego/escola. Nos casos em que a criança ou adolescente permaneceu na escola, tendo muitas vezes que rea-

daptar os horários, como o menino fretista, observou-se que a atividade até contribuiu para o seu processo de amadurecimento, com a incorporação de responsabilidades, saudáveis para o jovem. Por outro lado, nas situações em que houve o abandono da escola e o total desinteresse da família, os resultados nem sempre foram muito positivos. A preocupação com ganhos elevados conduz a caminhos não muito adequados na obtenção de lucros maiores, como os que insinuam as atividades ilícitas, caso em que se encontra o menino papeleiro.

Das considerações levantadas infere-se, portanto, que a questão do trabalho no subemprego não se reveste, tão-somente, dos aspectos ligados ao complemento de renda familiar. Existem outras instâncias a reclamar de imediato uma ação governamental no sentido de regulamentar as atividades, talvez como primeiro passo para extingui-las.

## Família e trajetória de vida — do subemprego para a rua?

Será que a criança do subemprego, hoje, é o menor de rua de amanhã? Esta indagação também esteve presente durante o desenrolar da investigação. Talvez ela reflita um pouco as preocupações daqueles que travam um contato mais próximo com a população de crianças e adolescentes que orbitam em torno da rua. E, por isso mesmo, esta indagação deve ser entendida muito mais como o reflexo de uma atitude preocupada com relação ao futuro dessas crianças, do que uma manifestação gratuita de preconceito. Aliás, basta acompanhar de perto, preferentemente, o processo de transformações por que passam esses jovens, para se ficar mobilizado. Da timidez inicial à desenvoltura posterior, traçam-se as trajetórias de vida que, se bem analisadas, são capazes de fornecer indicações valiosas sobre a maneira como vão incorporando a realidade e, conseqüentemente, construindo o seu futuro.

Entre os vários aspectos pelos quais se pode avaliar o problema, o primeiro está na forma como se dá o ingresso no mercado de trabalho do subemprego. A questão é de se saber como é a interação família/criança ou adolescente. Se houve participação conjunta envolvendo a escolha da atividade, a busca de informação, a ajuda ou o alheamento de uma das partes. Caso afirmativo, ocorre uma tal cumplicidade, com a conseqüente internalização de compromissos, que dificilmente haverá grandes desvios de caminho. Porém quando se trata de uma decisão solitária, quer por imposição da família para aumentar a sua renda, quer por uma decisão isolada da criança ou do adolescente, os resultados terão alta probabilidade de serem imprevisíveis, como se pôde acompanhar nos relatos. O que se observa, nestes casos, é que as crianças ou adolescentes se manifestaram totalmente desinteressados pelas atividades desempenhadas. Com o tempo, começaram a se ligar nas mais variadas estimulações presentes no campo. Como resultado se tornaram mais propensos a embarcar em aventuras de risco.

Uma outra informação importante diz respeito ao

1. A afirmação se encontra entre aspas por ter sido um lugar-comum nos depoimentos das crianças e adolescentes entrevistados, mesmo sabendo-se que não correspondiam inteiramente à veracidade.

uso que a criança ou adolescente faz de seus rendimentos. Por menor que sejam os ganhos e as respectivas contribuições, o que deve ser considerado é o gesto de ajuda ou a indiferença. A atitude de envolvimento para com as necessidades da família é bem diferente da situação na qual a preocupação da criança ou do adolescente é do tipo “o dinheiro é meu e eu faço com ele o que eu quero”. Neste caso infere-se, sem muitas dificuldades, o tipo de dinâmica desintegrada da família, pois não consegue atrair este seu membro. O resultado também será de difícil prognóstico, dado que, sem nada que o prenda, esta criança ou adolescente se torna muito mais vulnerável aos mais variados tipos de apelos.

Finalmente, uma outra faceta do problema se encontra na própria escolha das atividades a desempenhar no mercado de subemprego, pois estas já trazem, em si mesmas, informações sobre a natureza dos papéis a desempenhar. Um exemplo é a atividade de papeleiro. A própria mistura de atividade legal (coleta de papéis) com ilegal (o furto de vasilhames, artigos de metal, cascos de bebida) é uma constante. Considerando-se ainda que, dentro do carrinho e nos depósitos de papel, podem ser encontrados qualquer tipo de mercadoria (material elétrico, eletrônico, equipamentos variados) chega-se à conclusão de que esta atividade pode ser vista, como “semi-ilícita”. Acrescente-se um outro dado bastante relevante — a ausência periódica de caso<sup>1</sup>. Ora, os pais que, embora mantendo interesse por seus filhos, não se preocupam em saber do paradeiro deles, estão arriscando muito e poderão, quem sabe, vir a ser surpreendidos com o rumo que eles tomarão. Pelo que se deduz, a ausência da casa é um indício perigoso, pois no início pode ser eventual, mas, depois, vai se tornando rotina e, quem sabe, pode ser que um dia não mais se retorne.

Deste modo, é interessante observar-se que a própria escolha da atividade já é um prenúncio do que pode vir a ocorrer em termos de desintegração familiar. A atitude da família, então, pode ser de fundamental importância, como observado em alguns depoimentos. A omissão, quer seja por descaso, desinformação ou falta de conscientização, resultará em conseqüências perigosas, como as que relataram alguns pais, arrependidos por não terem tomado providências desde cedo. Convém ainda chamar-se a atenção dos pais sobre os tipos de atividades, seus riscos, cuidados, pois às vezes, devido à total desinformação, esses pais não dão conta, a tempo, dos problemas que poderão vir a ocasionar algumas atividades aparentemente lucrativas que seus filhos vêm exercendo.

Finalmente, convém refletir sobre a perda de valor do salário-mínimo. O aprendizado que a criança ou adolescente faz da relação entre investimento de energia (esforço) e o retorno em termos de ganhos é de fundamental importância para a sua perspectiva futura. Se, de repente, após algum tempo exercendo alguma atividade, se convencer que está sendo “otário” ou injustiçado, inexoravelmente se predisporá a buscar outros ganhos complementares. E a questão na famí-

lia, nestes casos, se torna mais complicada, porque não foram poucos os meninos entrevistados, principalmente papeleiros, que afirmaram ganhar duas ou três vezes mais que seus respectivos pais ou padrastos. Quando uma confrontação deste nível se instala, dificilmente uma dinâmica familiar consegue se segurar diante da perplexidade gerada. O que fatalmente ocorre é que a criança ou adolescente buscará outros caminhos, mais tortuosos, porém mais rentáveis.

## 4. Em busca da solidariedade desaparecida



imagem da família como uma espécie de usina produtora de crianças e adolescentes foi a que se procurou passar. Evidentemente, não se trata nem de responsabilizá-la, nem de analisá-la isoladamente, pois que, como parte integrante da sociedade, ela vem sofrendo efeitos perversos dos graves problemas sócio-econômicos atualmente existentes.

É importante ainda sublinhar que tampouco desconheceu-se o fato de que uma dinâmica familiar não deve ser reduzida a uma dinâmica de grupo pequeno. Se idênticos fossem os vínculos familiares e os vínculos grupais, já estariam em extinção as famílias em condições de pobreza, pois todos os seus membros já as teriam abandonado.

Este trabalho com as famílias em condições de pobreza permitiu trazer à tona aspectos da dinâmica familiar que esclarecem não ser somente os fatores econômicos os responsáveis pelo seu processo de desintegração. Ao que parece, a família apresenta problemas de articulação interna, independente da influência da questão econômica, como atestam algumas famílias que conseguem se manter integradas mesmo em duras condições de pobreza.

Introduz-se assim, neste ponto, um tema de vital importância para compreensão do fenômeno abordado — as transformações da família.

Há algum tempo estudiosos de diferentes áreas do conhecimento dedicam-se a pesquisar as modificações que o grupo familiar vem apresentando. Para muitos é como se estivesse ocorrendo um enfraquecimento desta estrutura. Ariés (1981), em sua tentativa de reconstrução histórica, chama a atenção para a fragilidade da instituição família, a despeito de muitos acharem o contrário, uma vez que a proteção da intimidade da família contra o efeito desagregador das pressões sociais, em verdade, foi um produto tardio da história, pois somente se encontram indícios dela a partir do séc. XVIII. O que entra em jogo, então, é a questão da solidez da instituição,

1. Tendo em vista o horário de trabalho, os donos de depósito dão preferência aos meninos que dormem nos depósitos, ainda que as instalações sejam péssimas. A maioria dos meninos só vai para casa nos fins-de-semana.

pelo menos, com as características identificadas atualmente. Já transcorreram quase vinte anos da crise apontada por Laing (1972) e Cooper (1980) quando, então, tiveram a oportunidade de preconizar a morte da família e a sua respectiva substituição pela comunidade. Malgrado as críticas formuladas, a família permanece, fragilizada ou não, mesmo porque não se descobriu ainda instituição melhor para educar as crianças e adolescentes. Uma lembrança, de recordação tão sinistra, vem a ser as experiências com instituições fechadas do tipo SAM, depois FUNABEM, que, a título de proposta educacional moderna, criaram estabelecimentos com o intuito de substituir a família. Do resultado trágico o novo Estatuto da criança acabou por enterrar os escombros ao abolir o regime asilar.

Entretanto, não se pode desconhecer a necessidade de mudanças. A propósito, David (1977) defende a tese de que se tornou imperioso rever alguns aspectos do fenômeno, de forma a não se manter uma imagem totalmente divergente da realidade vivenciada. Propõe, a título inicial, repensar os seguintes pontos: o estatuto da mulher, a função do pai e o lugar da criança.

No caso desta pesquisa, constatou-se efetivamente uma mudança dos papéis no interior da família, devido, principalmente, à presença de uma estrutura nitidamente matrilinear. A mãe ocupa praticamente o lugar do "pai simbólico" de Lacan, pois sendo a principal responsável pela renda familiar, passa à condição de chefe da família. Um fato interessante registrado foi o número de mulheres que já se encontravam acima de cinco ligações com companheiros. Em virtude de serem independentes financeiramente e de lhes pertencer a casa, elas permanecem na casa com seus filhos, enquanto os parceiros são substituídos. O mes-

mo vem ocorrendo com algumas crianças que, devido ao seu trabalho, assumem por vezes a condição de "homem da casa", dado que é em função de seus ganhos que a família se sustenta. Ao lado disto, a imagem de pai desempregado ou ganhando pouco frente à família, que ainda projeta as expectativas culturais em relação ao chefe da família, cria sem dúvida um choque entre a aspiração e a realização no interior da dinâmica familiar.

Por tudo isto, constata-se uma crise de identidade do tipo "quem é quem?" na família, o que, por si só, já é bastante para o aumento do campo de tensões.

Entretanto, parece que a crise não seria suficiente para justificar os problemas levantados, porque, se assim fosse, estariam presentes em todas as famílias estudadas. A questão, ao que tudo indica, parece se colocar em outra instância. Em verdade, não parece ser nenhum processo: nem de extinção, nem de enfraquecimento, nem de substituição, mas sim de falta de solidariedade. Aliás, na análise sócio-antropológica, Vogel e Mello (Capítulo 6) apontam para a tentativa de reprodução da família solidária idealizada, feita por crianças e adolescentes que vivem na rua. Eles parecem agir como se tentassem fugir da solidão, produzindo uma dinâmica de interação na qual o líder se assume como pai e os demais membros se organizam como filhos.

Face a estas considerações, o que se tem a fazer, a título de conclusão, é enfatizar que a solução se encontra em fortalecer a família, mediante o concurso de políticas, de forma que estas possam contribuir para uma dinâmica de interação familiar mais integrada. Deste modo, talvez, se consiga deter um pouco essa verdadeira hemorragia social na qual se converteu o drama de crianças vivendo na rua.

# Referências Bibliográficas

- ANZIEU, D. (1981). *Le Groupe et l'inconscient: l'imaginaire groupal*. Paris: Dunod.
- ARIÉS, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BERTALANFFY, L.V. (1973). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes.
- DAVID, P. (1977). *Psicanálise e família*. Lisboa: Moraes.
- EIGUER, A. (1985). *Um divã para a família: do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- EISER, R. J. (1986). *Social Psychology: attitudes, cognition and social behavior*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KÄES, R. (1977). *El aparato psíquico grupal: construcciones de grupo*. Barcelona: Granica.
- LAING, R.D. (1972). *La politique de la famille*. Paris: Stock.
- LEWING, K. (1947). Group Decision and Social Change. In: T. M. NEWCOMB, E. Hartley (eds.). *Readings in social psychology*. New York: Holt.
- LINCOLN, Y. & GUBA, E. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills: C A, Sage.
- MOSCOVICI, S. (org.). (1990). *Psychologie sociale*. 3. ed. Paris: PUF.
- (1990). *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago.
- PIRES, J.M. (1988). *Trabalho infantil: a necessidade e a persistência*. São Paulo: USP (Tese de Doutorado).
- SARTRE, J.P. (1960). *Critique de la raison dialectique*. Paris: Gallimard (Théorie des Ensembles pratiques, I).
- SENNET, R. (1981). *Autorité*. Paris: Fayard.
- SILVEIRA, R. L. L.(1989). *O menor mulher: a dupla opressão*. Fortaleza: UFCe (Dissertação de Mestrado).
- TAJFEL, H. (1972). La categorization sociale . In: S. MOSCOVICI, S. (org.). *Introduction à la psychologie sociale*. Paris: Larousse.
- (1980). Comportamento intergrupo e psicologia social de mudança. In: *Simpósio sobre mudança social e psicologia social*. Lisboa: Presença.
- UNICEF (1988-1991). *Menores en circunstancias especialmente difíciles*.
- UNICEF (1989). *Lineamientos para la aplicación de la guía metodológica para el análisis de situación de menores en circunstancias especialmente difíciles*. Bogotá.

## As histórias de vida do menor de rua

**N**a categoria denominada menores de rua foram entrevistadas as seguintes pessoas: três menores (2 meninos e uma menina), suas respectivas mães e dois companheiros<sup>1</sup> das mães. Primeiramente foram entrevistados os menores e depois a família, tendo-se o cuidado de consultar os menores sobre a existência de algum impedimento em relação às entrevistas com suas respectivas famílias.

### Caso 1

Menor: 13 anos  
Sexo: masculino  
Saída para a rua: aos 6 anos

A escolha desta história de vida deveu-se ao fato de o menor apresentar um volume intenso de registros de ocorrências no Setor de Triagem, face aos inúmeros encaminhamentos realizados pelos órgãos policiais, na sua maioria a detenção, em flagrante, por furto, roubo e desordem. Atente-se, ainda, ao fato de que o menor foi entrevistado na Delegacia de Menores por autorização da Sra. Delegada de Menores, onde se encontrava recolhido há dois meses, à disposição do Sr. Juiz de Menores.

## Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da mãe: 30 anos  
Idade do pai: ± 50 anos

Obs.: O pai negou-se a dar entrevista, reagindo de forma agressiva às tentativas de persuasão. Trata-se ao que tudo indica de uma pessoa doente que, segundo os familiares e vizinhos, já se submeteu a uma cirurgia cerebral.

1. A terminologia "companheiro da mãe", e não padrasto, foi utilizada em virtude de ser uma relação estabelecida pela mãe após a saída de casa do menor.

Tempo de convivência do casal: 15 anos

Número de filhos:

*Condições econômicas:* a mãe trabalha como arrumadeira em um hotel, ganhando em torno de dois salários mínimos (salário e gratificações). O pai, no dizer da mãe, "recebe aposentadoria e ainda trabalha à noite; mas eu não vejo o dinheiro dele... roupa para os meninos só eu compro".

*Condições de habitação:* a casa é bem modesta, com 4 cômodos pequenos, morando a mãe e três filhas (12, 10 e 7 anos) e, de vez em quando, o menor que está na rua. O pai dorme em outra casa, ao lado, no terreno que é de propriedade de sua mãe, falecida ano passado. Atualmente existe uma pendência judicial entre os herdeiros. É importante registrar que o terreno está localizado em um bairro central da cidade, valorizado, portanto. Consta ainda que o pai recebe aluguéis de outros imóveis que possui.

As condições em que vive a família são bem modestas; entretanto, não pagam aluguel, se alimentam bem e moram num bairro com todas as facilidades de locomoção e serviços.

## A trajetória da genitora até a constituição da família do menor

### A infância

Disse que não teve infância, pois vivia na roça e "mexia com gado, plantação, essa coisarada toda..."

Mencionou, ainda, que não gostava de lembrar dessas experiências: "Nossa! eu tenho pavor de roça!... a gente trabalha muito, no sol... a gente apanhava muito... meus pais eram muito rigorosos... eles batiam em nós, só faltava matar".

Então, quando tinha 7 anos, a família mudou-se para Goiânia.

### Escolarização

Disse ter iniciado os estudos com 9 anos e que estudou até a 8ª série, não chegando a obter o diploma de 1º grau.

## A primeira ligação amorosa

Desde os 13 anos era muito namorada e vivia brigando com a mãe, que não a deixava sair para as

festas, principalmente nos sábados. Por isso mesmo, era obrigada a fugir, mesmo sabendo que depois iria apanhar muito. Foi então que conheceu um rapaz por quem se enamorou (segundo ela, “ainda o grande amor de sua vida...”) e foi morar com ele. Viveiram juntos dois anos, tendo engravidado dele: “Aí nos separamos... ele casou depois com uma amiga minha”.

## A trajetória da família: da sua constituição à saída do menor para a rua

### A constituição da família do menor

Aos 15 anos, amigou-se “com o atual companheiro”, pai do menor de rua. Observou que seus pais não queriam que ela fizesse isso; entretanto, diz ela, “eu fugi e fui morar com a madrinha dele, até a gente montar casa”.

Como o companheiro tratasse mal o filho daquela primeira ligação, este foi entregue aos seus pais que o criaram. Este filho (o mais velho) foi criado pelos avós maternos, estando hoje com 16 anos, “trabalhando e estudando”.

Com o nascimento do segundo filho (primeiro do casal, o menor de rua), “arrumamos um barracão e mudamos”. Disse ter vivido muito bem, em que pese o companheiro ser doente.

“Tinha um problema de balas na cabeça... isto era antes de conhecê-lo... Aí ele fez operações pra tirar... aí foi ficando nervoso desse jeito. Se a gente falava com ele, ele quer bater... quer dar tiro... sabe, às vezes eu não aceito que ele me bate e então eu dou uns murro nele... Aí elas (as irmãs dele) vêm em socorro, porque elas não acham justo bater nele, porque ele é doente... Então, é uma confusão danada. Já tivemos um período separados, quando a mãe dele levou ele embora. Quando a mãe dele morreu, eu não podia deixar ele sozinho... afinal, ele é pai dos meus filhos e ainda mais que eu estou no lugar que são deles” [ela está se referindo ao fato de que a casa onde mora é propriedade do companheiro]. Quando ele briga comigo, ele me manda embora, como já mandou diversas vezes o menino. A gente briga, discute, mas eu lavo a roupa dele, cozinho para ele... Mas cada um tem a sua vida, não vivemos como marido e mulher. Não dependo dele para viver, a não ser a casa... é ele que faz alguma compra pra os meninos”.

## A vida do menor antes de ir para a rua

Disse que o menino sempre foi muito bom e nunca desconfiou de nada; sempre foi criado sem muita atenção, segundo a mãe, porque o pai não gostava dele e ela, por sua vez, não tinha tempo.

Quando o menino tinha 6 anos ela começou a trabalhar de copeira em dois empregos, em firmas diferentes: um, das 07:00 às 12:00 horas e o outro, das 13:00 às 21:00 horas. Isto correspondia a se ausentar de casa de segunda a sexta-feira das 05:30 às 21:30 horas.

A princípio o menino sumia de casa e aparecia horas depois. Em seguida, começou a desaparecer sistematicamente por uns dois dias “mas ninguém desconfiava de nada... Um dia o pai dele chegou até a botar retrato dele na televisão...”

### A saída de casa (a visão da mãe)

Embora o menino já se ausentasse de casa frequentemente, a família parecia não ter se dado conta do que estava se passando. Foi só quando o menino desapareceu por cerca de vinte dias e foi encontrado na Delegacia de Menores que começaram a entender o que ocorria.

A partir daí, em contato com a equipe do Juizado de Menores, foram se conscientizando do problema.

“Um dia eu saí cedo do trabalho para passar no centro da cidade e ver se achava ele... Eu vi ele, naquele momento ele tinha acabado de tirar a carteira de uma mulher... Eu passei mal na rua, foi preciso o pessoal da limpeza me pegar... Pra diante a gente foi descobrindo várias coisas que ele fazia... Ele mexe com drogas... eu já fui muitas vezes ao Pronto-socorro... Chegava lá, ele estava desmaiado... todo mole...”

### A saída de casa (a visão do menino)

Dentro da percepção do próprio menino, a sua saída de casa aconteceu assim: “...tinha um colega meu que já era dessa vida e me convidou. Eu em princípio não quis ir; ele “alugou” a minha cabeça e aí eu fui com ele lá no centro. Aí eu comecei essa vida... cheirar esmalte...”

Segundo o menino, ele tinha uns 8 anos quando começou a sair de casa e agora está com 14 anos (constata-se aqui uma diferença com relação ao depoimento da mãe, que diz ter o filho 13 anos). A primeira coisa que fez quando chegou à rua foi pedir dinheiro numa pizzaria para comer. Depois, começou “a roubar bolsa de mulher... a cheirar cola... a cheirar esmalte...”

# A trajetória do menor: da saída de casa até o momento atual

## A visão da mãe

“Ele viveu dos 6 aos 11 anos nessa vida, indo para a rua, depois passando um bocado em casa, retornando a seguir. Até que resolveu viver com a avó paterna. Ficou até o início deste ano, quando a avó morreu. Não durou muito tempo... depois de algum tempo os colegas de rua vieram apanhá-lo... a vida dele é essa mesma: sai de casa e depois volta. Ele já fez duas cirurgias no tornozelo e já quebrou a perna em três lugares... e os braços também. Às vezes eu saía do serviço e trago ele. Bato nele, demais... mas não adianta, ele está sempre drogado... eu trago ele... mas é difícil... eu tenho até hoje marcas das dentadas dele... E o pessoal grande que andavam com ele não gostavam que a gente fosse apanhá-lo. Um me disse, uma vez: — não vem atrás dele, não, que eu vou te acertar uns murros! Ele pegou um ferro pra me acertar... Mesmo assim eu tirava o menino das mãos deles e botava no ônibus... não adiantava muito... Ele entrava por uma porta e saía pela outra. E o cara estava esperando ele mais a frente...”

Por isso, segundo a mãe, já está havendo um certo esmorecimento na vontade de retirá-lo da rua: “a gente peleja de um jeito, peleja de outro, dá conselhos, mas não resolve muito... O tempo vai passando assim... O pai dele é doente; um dia ia apanhar o menino, já outro não...”

Quanto ao relacionamento do menor com o pai, acha que foi sempre ruim: “o pai sempre foi nervoso, nunca deu atenção. Se o menino teve atenção foi dos colegas dele na rua. Tem um pessoal do CETI<sup>1</sup> e outras pessoas que falam com os meninos na rua... eles chamam de tia<sup>2</sup>, eles tratam os meninos bem... Ele não tinha apoio nenhum do pai, só o meu...”

Continuando a falar do carinho, a mãe, nesse momento, deu como exemplo o filho mais velho que, como se sabe, foi criado pelos avós maternos. “Ele é um menino que estuda, está fazendo o 1º grau e trabalha”. Perguntada então se ela achava que, caso o menino fosse criado por ela, poderia vir a dar trabalho, respondeu que sim, “podia dar, porque eu não tive tempo de olhar eles assim direitinho. Se eu falar que eu tive tempo, tava mentindo... Acho que dava, sim...”

## A visão do menor

Na rua vive do dinheiro que consegue roubar. Diz que não tem um grupo muito definido, mas que tem

1. CETI (Centro de Triagem Integrada) é o órgão de triagem responsável pelo recebimento dos menores recolhidos na rua ou detidos por policiais.

2. Educadores de rua.

os meninos que ele gosta mais de andar. Tem um que parece ser o seu líder, que vai sempre buscá-lo, mesmo quando resolve ir para casa. Perguntado por que razão, respondeu que o colega às vezes oferece drogas e ele, então, vai para a rua. “Tem vezes, não sei, não, ele faz a minha cabeça... aluga a cabeça da gente, fica dizendo: — vamos para o centro, vamos para o centro, ganhar dinheiro... Tem vezes que eu vou porque eu quero, tem vezes que eu tenho medo dele me pegar, me bater... aí eu vou.”

Atualmente está batendo carteiras — “o chorro”. Já fez “caxanga”, ou seja, roubos que exigem maior organização, como, por exemplo, roubar butiques. Entretanto, hoje em dia se tornou mais perigoso, dado que “fazer caxanga é arriscar levar um tiro na cabeça...” O motivo parece ser o aumento de vigilância nas casas comerciais, acrescido do aumento da ação policial, tudo com o intuito de diminuir o índice de roubos aos estabelecimentos comerciais.

Mas, voltando ao tema inicial, mencionou que a sua rotina diária era “roubar as bolsas das mulheres, para depois tomar os troços<sup>1</sup>...”

## A experiência com as drogas

Já fez uso de cola de madeira e esmalte de unha, mas agora prefere o *Eritosse*, o *Rupenol* ou *Diazepan*. A cola e o esmalte compram no supermercado e os remédios na farmácia, sem problema algum, bastando ter dinheiro.

Para preparar o *Eritosse* basta misturar o conteúdo num copo de cerveja e depois repartir com o grupo. “O *Diazepan* você lava na água, tira aquele amarelo e na hora em que ele ficar branco você pega e toma ele com água, com pinga...” A sua preferência atual recai no *Eritosse* e maconha, juntos.

Perguntado sobre o que sente quando sob o efeito das drogas, respondeu: “a gente fica bobo, doidão, a gente não sente nada... Dá tudo certo... dá vontade de roubar... dá vontade de brigar...”

Perguntado sobre a origem das tremedeiras que apresenta atualmente nas mãos, nas pernas, nos lábios, disse que há muito tempo sente isso e que por este motivo não dava mais bola.

## Condições de vida na rua

Disse que quando chega a vontade de dormir vão se esconder nos “mocós”. Atualmente tem dormido no mocó da Av. Goiás. “Aí a gente arruma um papelão, tem sempre umas cobertinhas velhas, e quebra o galho...”

Quanto à alimentação, quando está sem dinheiro tenta conseguir um prato de comida pelos bares. Caso contrário, “cheira cola, que engana o estômago, até descolar uma grana...”

1. Os “troços” a que se refere dizem respeito a cheirar cola, cheirar esmalte e outros tipos de drogas.

## A melhor coisa que aconteceu na sua vida

Ocorreu um fato bastante interessante durante a entrevista com o menor. Num determinado instante, foi-lhe solicitado que falasse da coisa mais “bacana” que já tinha acontecido na sua vida. De pronto, respondeu: “foi o acidente que sofri...” Diante da perplexidade e, como se mantivesse firme no propósito de falar sobre o acidente, foi-lhe solicitado que o relatasse. “Tinha um velho com uma bolsa marrom, a tiracolo, eu abri a bolsa e peguei 300 cruzados... Na época era muito dinheiro... eu estava careta, não tinha tomado nada. Aí eu peguei o dinheiro e saí correndo, mas o velho veio atrás... Uns colegas que estavam comigo disseram pra eu sair fora que o velho vinha atrás. Aí eu atravessei a rua, veio um carro e me pegou. Eu machuquei muito, tive até que colocar platina na minha perna.”

A seguir, refeita então a pergunta original, respondeu: “Foi o tempo que fiquei morando com a minha avó. Foi logo depois do acidente. Minha avó chegou pra mim e disse: — você quer morar aqui em casa? Te dou estudo, todo mês compro uns negócios pra você, te dou roupa, coloco você no campo do Atlético pra você jogar futebol... Aí eu peguei e falei: — se a minha mãe deixar, eu fico. A minha mãe deixou e então eu peguei e fiquei com ela. Mas ela morreu... foi em 87 que ela morreu. De lá pra cá tô na rua direto...”<sup>1</sup>

## A perspectiva temporal futura

### As expectativas da mãe

Perguntada a respeito de seus planos futuros, respondeu: “eu pretendo ficar sozinha... quero o meu filho de volta... quero ver se eu recupero ele. Acho que se eu sair do emprego e ficar quieta dentro de casa, eu acho que ele pára...” Quanto à sobrevivência, acha que esta poderá ser obtida entrando na justiça e obrigando o pai a pagar uma pensão. “Ele tem condição de dar e eu também podia arrumar um serviço que eu trabalhasse em casa: costurar, mexer com salgadinhos, doces...”

Indagada do porquê ainda não tinha colocado em prática essa intenção, declarou ter que primeiramente resolver a questão da herança e da pensão. “Afim, isto é do pai deles. Depois é só construir mais um cômodo e a casa fica boa... Ele sai e eu fico morando”. Mas, como acha que será difícil que o

juiz conceda o que deseja, disse que “o jeito é continuar trabalhando e amarrar este menino, aliás, como já fiz, amarrar de corrente pra que ele não fuja”.

Depois, refletindo sobre o que acabara de falar, disse que não sabia o que fazer. “Se eu deixo ele na rua, ele faz desordem, a polícia vem, pode matar; se eu amarrar ele em casa, vem um vizinho, dá queixa e aí vão me prender. É, tá difícil, não é? O melhor é mesmo eu sair do emprego pra olhar ele...”

## As expectativas do menor

Tendo em vista que se encontrava preso há mais de dois meses na delegacia de menores, por ocasião da entrevista o menor disse que o que importava era sair de lá. Estava tentando entrar em contato com a mãe para ver se ela consegue tirá-lo de lá. Segundo ele, depois dessa, ele não ia mais voltar para a rua. “Quando eu voltar pra casa eu vou me defender... eu vou todo o dia com a minha mãe para o serviço dela, eu tenho como trabalhar lá”. Perguntado por que ainda não tinha colocado isto em prática, respondeu que “a cabeça ainda não passava isto, não, mas agora era diferente...”

### Caso 2

Menor: 8 anos

Sexo: masculino

Saída para a rua: desde os 3 anos

A escolha deste caso baseou-se no fato de que pelos registros dos Órgãos de Atendimento, tratase da criança que com menos idade foi viver na rua e continua sendo, ainda, o de menor idade, embora já possua cinco anos de experiência. Possui ainda um irmão mais velho, de cerca de 11 anos, também vivendo na rua; infelizmente, não se conseguiu localizá-lo a tempo de entrevistá-lo. Se a pouca idade sugere aspectos de relevância, não encontráveis com freqüência em outros menores, por outro lado dificultou a comunicação, devido à pouca fluência verbal do entrevistado. Acrescente-se ainda um nível de agitação motora elevado, o que dificultou ainda mais a coleta de informações, porque o menor não conseguia ficar muito tempo sentado e confinado numa sala. Atualmente este menor se encontra assistido por instituição aberta, onde foi entrevistado.

Segundo informações dos educadores da instituição, ele permanece aí há cerca de três meses, embora possa sair e voltar para a rua sem nenhuma restrição.

1. Neste período em que viveu com a avó foi a única vez que freqüentou uma escola. Diz ter estudado até a 2ª série.

# Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da Mãe: 30 anos

Obs.: Atualmente o companheiro com quem vive é o quinto e convive com ele há dois anos. O pai dos menores que estão na rua foi o seu terceiro companheiro.

**Número de filhos:** São 10 filhos. A mais velha tem 17 anos e já possui um filho, ambos morando com a avó materna. A idade do restante dos filhos varia na faixa de 2 a 16 anos, moram todos juntos com a mãe e o novo companheiro. Além dos dois menores que estão na rua (um com 11 e outro com 8 anos), segundo a mãe, “já existe uma porção deles que só quer saber de rua... desaparece durante o dia e só volta de noite”.

**Condições econômicas:** a mãe trabalha na Limpeza Urbana, ganhando em torno de dois salários-mínimos. O atual companheiro trabalha como auxiliar de enfermagem e tira em torno de dois salários-mínimos também. Existem dois filhos (um de 16 e outro de 14 anos) que disseram também trabalhar, mas não se pode levantar com certeza o quanto ganham.

**Condições de habitação:** A casa é bem modesta, de estuque e sapê, localizada numa região bem periférica de Goiânia, distante uma hora do centro. A casa tem 5 cômodos, sendo muito pequena para acomodar os moradores: o casal, três adolescentes e quatro crianças, fora os dois menores que vivem na rua. Entretanto, a região é muito agradável e a casa possui um terreno grande que pode ser cultivado, além de ser própria e bem equipada.

## A trajetória da genitora até a constituição da família do menor

### A infância

“Eu tinha uma vida maravilhosa. A minha família não era rica... nunca ouvi falar que um da minha família mexesse com a lei<sup>1</sup>. A família de minha mãe é todos rica... mexe com fazenda... a mais fraquinha é a minha mãe... Eu passei a minha infância na roça, foi capinando, plantando. Minha mãe se separou de meu pai quando eu era pequena... eu vim conhecer meu pai quando tinha 11 anos. Mas, foi muito boa... eu trabalhava muito, mas eu era muito sapeca... nós ia brincar no córrego, brincar de marido e mulher... eu era muito traquinas... Na época que eu mudei

1. Está se referindo a ter problemas com a lei, com a polícia.

para outra região, aí eu danei a arrumar uns namoradinhos... A minha infância não foi destruída com crianças... a minha infância foi destruída por uma pessoa de mais de 40 anos...”

### O estupro

“Eu tava com 8 anos de idade quando eu perdi a minha infância, nem sei eu não tinha... Foi que nem bicho selvagem... Depois que aconteceu tudo, ele puxou da gaveta um revólver: — isso aqui é pra descarregar todinho na sua família se você abrir a boca!... Aí eu passei calada... Quando a minha mãe veio descobrir, eu tava com 13 pra 14 anos... A minha mãe tava pra levar no médico, eu fiquei com medo de passar vergonha, o médico descobrir, aí eu abri o jogo com minha mãe... Foi uma decepção, porque eu era a única filha mulher e a minha mãe queria tanto me ver vestida de noiva. Depois que eu contei, a minha vida acabou... acabou aquela infância de alegria, de confiança, de consideração dentro de casa...”

### A primeira ligação amorosa

Em virtude da descoberta de que não era mais virgem, o padrasto obrigou-a a morar com uma pessoa que ela não queria. Mas mesmo assim guarda boa lembrança do padrasto. “Meu padrasto era gente boa, foi o que eu conheci como pai, acarinhava que nem pai... era gente humilde. Mas eu tinha perdido a confiança. Então, o meu padrasto fez eu morar com essa pessoa, sem eu querer... Eu era criança — 13 anos — e ele já era avô... eu nem tinha idéia... Ele saía pra trabalhar, quando ele chegava eu tava brincando de boneca mais as filhas dele... Foi nessa época que peguei a gestação... Quando ela nasceu eu tinha 14 anos. Aí eu peguei nojo dele... Ele na época abandonou os filhos, a família, foi embora... me chamou várias vezes pra morar juntos... Atrapalhei da cabeça, fiquei doidinha da cabeça depois que a primeira filha nasceu... Levaram eu pra outra cidade, uns dizem que eu estava macumbada, outros que eu estava com demônio... Na época eu fiquei ruim, eu não conhecia ninguém, nem os filhos dele, nem a minha própria mãe... Os outros chegavam perto de mim, se não fossem espertos eu avançava... Minhas conversa era tudo diferente... Foi aí que a médica disse que era tudo devido à gestação recente... passou uns remédios e eu voltei pra dentro de casa... de minha mãe”.

### O retorno e a expulsão da casa materna

“O meu terceiro padrasto é que tentou viver comigo mais a minha mãe. Foi uma pessoa... boa pra minha mãe, ruim pra mim... Ele queria que eu fosse

esposa dele, junto com a minha mãe: — já que você não é de nada mais, você fica aqui comigo. Quando a sua mãe tiver doente, você fica aqui sendo minha esposa. Eu disse a ele que se ele não endireitasse ia contar isso pra minha mãe. Foi aí que eu não agüentei mais e abri o jogo com a minha mãe: — mãe, vamos embora pra Goiânia, é uma capital boa, dá toda assistência pra nós, esse marido da senhora não é homem pra nós... A mãe não acreditou naquilo e abriu o jogo com ele. Ele ficou tão revoltado com aquilo que eu contei que ele me pegou e me deu um couro...:

— Uma cachorra que nem você, tem mais é que morar na rua! Pegou as minhas coisas e jogou da porta de casa pra rua...”

## A segunda ligação amorosa

Saiu da casa do padrasto (expulsão) e foi para a casa de um primo dele. Conversou com o mesmo, fazendo uma proposta para tentar resolver a situação em que se encontrava. “Aí eu arrumei o pai do meu segundo filho... — Se você me der arroz e feijão, um lugar pra eu morar é o que eu quero... Aí eu abri o jogo pra ele, contei tudo direitinho pra ele... ele chegou a chorar. — Vou levar você pra minha casa. Eu sou rapaz solteiro, bebo as minhas pinga...”

Nessa época ele tinha uns 19 anos. Nós fomos morar juntos. Nasceu o menino, tudo bem. Quando foi o outro filho, aí começou... começou a arrumar muie-zada. No dia que eu ganhei o menino, eu comecei a ter o treco de novo. Os médicos examinaram e disseram que eu estava daquele jeito por falta de alimento. Aí eu peguei e vim pra Goiânia. Fui morar com a família dele. Não deu certo e então eu fui embora pro Norte. Lá encontrei a minha mãe e fui morar com ela e meu padrasto. Trabalhando na roça e ajudando a criar os meus...”

## A trajetória da família: de sua constituição à saída do menor para a rua

### A constituição da família do menor (a terceira ligação amorosa)

“ — Ali tem um rapaz trabalhador, muito humilde... por que você não vai morar com ele?, disse o meu padrasto. Ele achava que eu tinha que ter um homem pra aprender a educar os meus filhos. Então

eu fui morar com ele... é aquele que é o pai dos meninos<sup>1</sup>. Trabalhador, demais da conta, seguro, o que ele faz é pensando no futuro... casa farturenta... Não deu certo por causa de uma certa pessoa, o meu compadre que morava conosco. Eu encontrei o rapaz que vivia comigo mexendo com homem... eu fiquei sem graça...”

Depois de algum tempo, segundo a entrevistada, achou que não dava para continuar e saiu de casa. Aí veio para Goiânia e de novo restabeleceu o convívio com o mesmo companheiro. Nessa situação em que se encontrava, muito dependente, disse que a sua vida com muitos filhos era difícil. “Depois eu acordei... vi que aquilo não era vida... ele me batia, judiava comigo... ruim demais. Nessa época eu não trabalhava, vivia às custas de homem... só comia o que botavam em casa... Aí não suportei mais e saí de casa”.

## A quarta ligação amorosa

Consegui com o auxílio da mãe e parentes internar os mais velhos num orfanato em Anápolis. Consegui uma casa para morar na Vila Mutirão e ficou com o menor, que devia ter uns 2 anos na época. Arrumou um companheiro que foi viver com ela, mas que também não deu certo, porque não queria trabalhar. Era ela que tinha que sustentar tudo. Foi então que consegui trabalhar na Limpeza Urbana, em 1984. “Depois que eu entrei na COMURG a minha vida melhorou...”

## A vida do menor antes de ir para a rua

Quando começou a trabalhar na Limpeza Urbana, o menor tinha 3 anos e não dispunha de ninguém para cuidar dele. “Foi então que um meu irmão começou a levar o menor todo dia pra conhecer Goiânia... Eu saía de madrugada pra trabalhar e chegava tarde da noite e aí danava a procurar os meninos... cadê os meninos? ... Os meninos tavam pra rua...”

Como estivesse com saudades e achasse que “ter uma casa e um emprego era uma riqueza para os meus filhos... “mandou buscar os filhos todos para morarem juntos. “Lá onde nós morava tinha muita criança. Mas basta um, pra levar todos a perder. Um diz: — vamos lá pra Goiânia! lá a gente consegue um dinheiro, nós compra balinha, nós faz isso, nós faz aquilo... Aí acostuma, não quer outra vida...”

Mas mesmo assim disse que tentava dar conselhos para eles: “— mamãe foi criada na roça, nunca teve tempo pra aprender o que não presta... Se vocês não querem estudar, pelo menos fica em casa... tudo o que vocês pede, mamãe dá: mamãe compra televisão, dá carinho, dá amor, conto a ‘regulagem’ como é lá fora, procuro o lado que é melhor pra vocês... Mas parece que não adiantava muito...”

1. Os “meninos” são justamente os menores que se encontram na rua.

## A saída de casa (a visão da mãe)

“Quando o menino nasceu em 1981, eu não trabalhava não. Depois, em 1984, quando eu comecei a trabalhar, que a minha vida melhorou... dessa hora em diante que eu comecei a trabalhar, meus filhos ficaram dessa forma que tão agora... Quando eu saí pra trabalhar, eles saíam pra rua... Eles dizem que dentro de casa era ruim. Eles me pediam pra levar eles pro serviço... mas eu não podia...”

Perguntada quando efetivamente tomou conhecimento de que se encontrava na condição de mãe de um menino que resolveu viver na rua, respondeu que foi quando o menino passou sete dias fora de casa. “Eu fiquei maluca... pejejei com o meu chefe pra ver se eu conseguia um dia de folga pra procurar o meu filho... Aí eu telefonei pra Polícia Feminina e elas me disseram que ia achar os meninos... Acharam o menino, na Av. Goiás, enrolado no jornal. No dia seguinte, às 5:00 horas da manhã, chegou o pessoal do Juizado de Menores... Eles olharam a casa toda e chegaram à conclusão de que os meninos não tinha razão pra ficar na rua: — com tudo que a senhora tem em casa não dá pra entender porque eles fogem de casa...”

## A saída de casa (a visão do menor)

Disse que gostava de casa, mas um dia resolveu acompanhar o irmão mais velho que ia para o centro da cidade. “Entrou no ônibus, passou por debaixo da catraca e assim conseguiu entrar sem pagar nada... Chegou no terminal, pediu um dinheirinho, comprou uns salgados... eram ruins...” Mesmo assim gostou da rua. “Chegava em casa à noite... e aí a mãe batia... de vara. Depois saía sempre... conseguia uns 100, 200 por dia...”

## A trajetória do menor: da saída de casa até o momento atual

### A visão da mãe

“Logo nos primeiros dias que o menino começou nesta vida, veio aqui em casa uma moça com uma informação pra eu comparecer à Delegacia de Menores... É que o menino e os companheiros tinham sido apanhados roubando bicicleta... Ele me disse que só apanhou a bicicleta porque os mais velhos mandaram, porque se não apanhasse, eles batiam...”

“Todo o mundo tem dó porque os meus filhos tá roubando... meu coração dói... Tem dia que eu deito e fico pensando — será que o meu filho tá dormindo numa casa? Eu choro... Um dia desses eu estava trabalhando no centro da cidade e encontrei o menino, dentro de umas caixas de papelão... junto com um bando de pivetinhos... tão sujo! Eu já pensei em pedir as contas do emprego e ir embora pra roça pra ver se recupero os meninos... Eu pensava assim quando eu saí de onde eu morava e vim pra cá... tão longe... foi pior... Lá pelo menos eles saíam cedo e quando era noite eles voltavam... Aqui, eles acham muito longe... aí eles passam a dormir fora direto...”

## A visão do menor

Infelizmente, ficou prejudicada pela dificuldade de comunicação do menor. Entrevistando então os educadores de rua que já convivem há bastante tempo com o menor na rua, pôde-se levantar as seguintes informações. Normalmente o menor pede dinheiro, o que não impede de participar de pequenos furtos. O que invariavelmente faz é aplicar o seguinte golpe: pede a algum adulto que esteja na rua, normalmente algum camelô com quem se relaciona, para escrever num pedaço de papel: “me dá um dinheirinho para ajudar a comprar a caixa de engraxate”. Com isto fica pedindo ajuda o dia inteiro, até conseguir o suficiente para comprar o que deseja. Também faz uso de cola e esmalte.

Atualmente se encontra numa instituição que se ocupa de crianças deficientes, crianças abandonadas e menores de rua de 7 a 14 anos. Como é uma instituição aberta, de vez em quando se enjoa e vai para a rua. Dificilmente a mãe aparece pra visitá-lo. Foram raríssimas as vezes que o pessoal que trabalha na instituição viu a mãe do menor. Este, segundo alguns técnicos, diz sentir saudades da mãe e do atual padrasto.

## A perspectiva temporal futura

### A visão da mãe

O grande sonho da mãe do menor é “que a família tivesse paz e união... que os filhos fossem todos quietinhos, que trabalhassem direitinho, que fossem carinhosos...” Que quando ela chegasse em casa, de noite, “tudo tivesse arrumadinho... os filhos tudo quietinho em casa... preparado pra dormir... Isto é minha alegria... de todos os pais e todas as mães...”

“Eu queria que vocês' me ajudassem... que eu sou uma mãe fraca... que minhas forças é pouca... que

1. A mãe do menor tomou o entrevistador como membro de alguma instituição de assistência ao menor.

arrumassem um lugar fixo pra botar eles”. Logo em seguida, refletindo sobre o que tinha dito, emendou: “eu tenho a impressão de que se eu pegasse as contas na firma, arranjasse uma roça, bem no interior, pegasse todos eles e mudasse pra roça... eu acho que eu dava um jeito neles. Levar eles todos os dias pro serviço... igualzinho a minha mãe me criou... Eu acho que dava conta. Os meninos que estão na rua já dão conta de pegar uma enxada... Eu acho que desta maneira, eles têm jeito de endireitar... eles estão novos...”

## Caso 3

Menor: 18 anos  
Sexo: feminino  
Saída para a rua: aos 7 anos

A escolha deste caso deveu-se primeiramente a um fator bastante limitador — o número de meninas de rua vem diminuindo sensivelmente. É importante ter-se em mente a distinção da *menina de rua* — aquela que efetivamente se instalou na rua com as demais meninas e/ou meninos, compartilhando dos muitos comportamentos anteriormente descritos — das *meninas na rua*. Estas, sim, fartamente observadas, desenvolvem na rua várias atividades, principalmente a prostituição, mas não devem ser confundidas com as meninas de rua porque ou mantêm ainda as suas ligações familiares, inclusive residindo com suas famílias, ou possuem um domicílio fixo fora da rua.

Outro condicionante também foram as próprias características da população de meninas de rua: elas são muito mais difíceis de serem contactadas e, mais ainda, de concederem entrevistas. Sobretudo quando se trata, como foi o propósito deste trabalho de envolver também a família. Nesta situação, só foi possível estabelecer contatos com algumas meninas através de experientes educadoras de rua que se prontificaram a ajudar e a estabelecer essa ligação. Assim mesmo ficou-se reduzido a um total de três opções, das quais se escolheu uma. É importante considerar que, mesmo se tratando de uma maior, porque já completou 18 anos, resolveu-se levantar a sua história, devido às seguintes características: está na rua desde os 7 anos; sempre conviveu com os meninos indistintamente, compartilhando os mesmos hábitos — cheira cola, participa dos roubos e furtos, se diverte, vive nos grupos, dorme nos mocós —; mesmo tendo já completado a maioridade e estando grávida, permanece tendo os mesmos hábitos; e, finalmente, tendo em vista a forte ligação afetiva desenvolvida com a educadora de rua que serviu de ligação, foi a mais disponível para dar a entrevista, comparecendo no local e data acertados, e ainda estabelecendo um contato com a mãe para avisá-la de que uma pessoa iria à sua casa realizar uma entrevista com ela.

# Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da mãe: 35 anos

*Número de filhos:* uma filha casada (22 anos); uma filha (18 anos) e um filho (17 anos) na rua; e cinco filhos que moram, atualmente, com a mãe: duas meninas (15 e 13 anos); dois meninos (12 e 9 anos) e a caçula, de 8 anos..

Companheiro atual: 55 anos

*Condições de saúde:* a mãe está atualmente quase cega, pois ainda não conseguiu operar-se para resolver o problema de catarata que a aflige desde os 7 anos de idade.

*Condições econômicas:* a mãe está impossibilitada de trabalhar devido à falta de visão. Dos filhos que moram com ela, todos têm uma atividade, sendo que as duas adolescentes trabalham fora e os dois meninos trabalham como engraxates. O companheiro atual é aposentado e trabalha no lugar de moradia como vigia dos carros e, segundo declarações suas, dá para viver sem passar fome. É interessante conhecer o próprio julgamento que a mãe faz a respeito de suas condições de vida: “Atualmente eu não ganho nada, faz mais de seis meses... Os meninos com as engraxadinhas deles ajudam... Dá pra gente... arroz, feijão, algum dia uma carne... Quando eu trabalho eu ajudo ele... compro um arroz, feijão... O meu dinheiro é para isto... nem roupa dá pra comprar... os meninos não têm nem roupa e nem o que calçar...”

*Condições de habitação:* trata-se de um estacionamento de automóveis, localizado numa região bem central da cidade. Esse estacionamento possui ao fundo uma parte coberta, onde se encontra uma construção de alvenaria, dividida internamente por cortinas em sala, quarto e cozinha. No exterior há um banheiro. Ao que tudo indica, deve ter sido construído para abrigar o vigia, sem família.

## A trajetória de vida da genitora até a constituição da família da menor

### A infância

Não tem saudade de nenhuma época de sua vida. Na infância, diz que sofreu demais. “A minha mãe me batia muito, porque eu era pequena, tinha que trabalhar muito, lavar roupa para os outros pra poder comer...” Tinha muitos irmãos e o pai morreu cedo. “O maior sacrifício, deixou nós sem colocação... eu tinha 12 anos quando meu pai morreu”.

A mãe veio para Goiânia tentar algum emprego, enquanto ela ficou lá na roça, onde teve o primeiro filho. “Eu fiquei sozinha... a gente não tem cabeça, faz o que não deve...” Já sofria da vista desde os 7 anos. Aos 13 chegou a Goiânia e foi trabalhar na roça, num município vizinho, por cerca de dois anos. Quando retornou a Goiânia veio gestando a menor. Estava com quase 15 anos de idade.

## A trajetória da família: da sua constituição à saída da menor para a rua

### A constituição da família da menor

Casou aos 15 anos com o padrasto da menor, viveu com ele durante dez anos e teve seis filhos. Estava sempre mudando de lugar, de cidade em cidade, buscando uma melhoria. “Vivia com a trouxa na cabeça. Estive em Minas, S. Paulo, Mato Grosso. “A última cidade onde viveu com o marido foi Niterói. Ganharam uma casinha, mas logo depois se separou e voltou para Goiânia. Brigavam muito. Já tinham três filhos. O motivo da separação foi que tentou matá-lo. “Nós pegou brigando, brigando, brigando... Aí eu peguei uma foice pra cortar o pescoço dele, quando o dono da casa chegou. Ele estava dormindo... — Mas, o que é isto, Dona X? A senhora fazer uma coisa destas! Vai sujar nós...” E tomou a foice da mão dela. Nisto o marido acordou, com a desordem: “ai o senhor falou pra ele: — O senhor ia morrendo aí agora! Aí eu peguei os trem e resolvi sair... — Também não vou ficar aqui, agora! foi o que disse pra eles...”

A seguir voltou para Goiânia e o marido veio atrás. Ele deu parte dela na Polícia, que a obrigou a morar junto com o marido, senão teriam que prendê-la por ameaça de morte. Passaram então a viver juntos de novo e “aí a gente adquiriu mais um filho...” O marido começou a trabalhar na rua como catador de papel e também ela catava papel. Contudo, continuaram brigando, até que ela não agüentou mais, porque o marido vivia querendo matá-la e ela tendo que fugir, se esconder. “Até que eu larguei dele, fiquei aqui na viela três meses, sofrendo, passando fome, tudo... Eu não queria ficar sozinha... e ele atrás de mim, querendo

me matar, me dando tapa na minha cara, dentro do ônibus... Foi então que eu arrumei este vigia que eu estou morando com ele...” Há quatro anos está separada do marido e vivendo com o atual companheiro.

### A vida da menor antes de ir para a rua

“A minha vida era atribulada, cheia de confusões, cheia de tragédias... A gente brigava muito por causa dela... O padrasto sempre implicava com a menina, porque não gostava dela. Quando a menina tinha um mês de nascida, tentou matá-la, amarrando a boca da menina com uma fralda. Eu acordei e desamarrei a menina. Perguntei a ele porque ele queria matar a menina. Ele respondeu que ele tinha raiva da menina, porque ela não era filha dele e chorava demais... Depois a menina foi crescendo e o padrasto melhorou”. Chegando aos 6 anos, a menina foi ficando mais difícil, mais levada, o que enfurecia o padrasto.

A partir dos 7 anos começou a fugir de casa. O motivo era que o padrasto “judiava” muito da menina, ou seja, batia muito nela e na mãe também, quando esta tentava defendê-la. “Aí eu saía atrás dela, pelejava, pelejava, ela não me atendia... até que eu conseguia trazer ela de novo...”

### A saída de casa (a visão da mãe)

Aos 12 anos, quando o padrasto descobriu que a menina não era mais virgem, expulsou-a definitivamente de casa. Ele tinha medo que as outras meninas fossem desencaminhadas. “— De agora em diante”, o padrasto disse, “o trem mudou aqui em casa. Eu não vou criar *muié*... ela se vira. Aí eu peguei a soltar ela... quando ela ia presa eu ia soltar ela e levava para casa...”

### A saída de casa (a visão da menor)

Desde pequena o padrasto não gostava dela, batia-lhe muito. Quando descobriu que não era mais virgem, mandou-a embora de casa “para não dar mau exemplo às irmãs...”

A mãe era doente da vista e vivia com muita dificuldade. Antes de sair brigava muito com a mãe, porque queria ficar na rua. “Tudo o que aprendi na vida foi na rua... até a cozinhar”.

# A trajetória da menor: da saída de casa até o momento atual

## A visão da mãe

A menor tem um homem de quem não gosta e de quem está esperando um filho agora. “Ela já arrumou barriga uma vez e perdeu o menino, abortou... Ela morou com um velho e levou facada. Ela tá morando com um rapaz novo, sem juízo que nem ele... Ela não pára dentro de casa. Tem um homem que trabalha na Limpeza Pública, dá umas coisinhas para ela, o que ele pode fazer, ele faz. Arrumou uma casa... só para ela fazer umas comidinhas, e ela não pára dentro de casa. Diz que não agüenta porque enjoou da cara dele. Aí vem para a rua... usando cola... usando esmalte... usando drogas... Esse velho que deu a facada nela é viciado na droga. Ela anda com ele... vai para lá, usa a maconha dele... Não liga pra conversa minha... Não tem jeito não de mudar...”

## A visão da menor

Depois que foi viver na rua começou a roubar, cheirar cola, esmalte e usar drogas.

Agora parou de roubar; segundo ela, parou de roubar com medo de ser presa, ficar detida. “Somente os meninos é que apanham umas coisas e dão pra mim...”

Também tem vivido da prostituição, mas não gosta muito, não.

Existem algumas informações de educadoras de rua que afirmam que a menor é muito agressiva, metida a valentona.

## Condições de sobrevivência

“O filho que eu estou esperando é de um rapaz que mora lá na Vila Mutirão... Ele me dá uns Cr\$ 2.500,00... só que eu não gasto tudo assim de uma vez. Já o coroa me dá meio salário-mínimo... porque ele me deu umas furadas na barriga. Eu morei com ele um ano e meio. Aí, eu quis me mandar... ele ficou com ciúme, ele disse que se eu não fosse morar com ele não ia morar com mais ninguém. Aí me deu duas furadas... uma atingiu meu fígado, tive que operar... agora ele me dá dinheiro todo mês...”

Perguntada sobre a avaliação que faz de sua vida, acha que os responsáveis foram os homens: o padrasto e os homens com quem morou junto. “A gente arranja uns home pra morar e eles querem se aproveitar.

Uns quer me bater, outros querem se aproveitar de mim... prefiro ficar do jeito que estou. Prefiro viver de mocó a ficar numa casa presa... sendo assim mandada... faz isto, faz aquilo... A gente faz as coisas certas, mas... não é deste jeito, é de outro... prefiro ficar como estou”.

## A melhor coisa que aconteceu na sua vida

“Foi a época que viveu no CFM<sup>1</sup>. Eu tive que sair depois que completei 18 anos. Eu era a menina mais boa que existia lá... bem comportada, estudava, ficava numa boa... Tinha um papeleiro que eu vivia com ele. Todo dia ele ia lá encher o saco... Eu tive que sair... elas disseram que daquele jeito não dava. Elas não podiam fazer isso comigo, não... O dia que elas me mandaram embora eu saí com ele... eu gostava dele. Aliás, eu saí de lá por causa dele. Ele me dava porrada, todo dia... Nós saímos de lá e fomos viver juntos lá no depósito de papel... Aí ele grilou comigo... era ciúme... então, me deu uma garrafada na cabeça e sumiu para Anápolis...”

## A perspectiva temporal futura

### As expectativas da mãe

“Minha vida sempre foi amargosa... toda a vida soufri da vida, desde os sete anos... Eu passo mais de olhos fechados, do que de olhos abertos... A gente não tem uma vida alegre, a gente tem uma vida triste... Não acredito em mais nada da vida... só Deus... Eu esperava que os meus filhos gostasse de trabalhar, mas pelo visto não tá dando nada que preste... O outro filho de 17 anos tá aí na rua... Já falou até em me matar. Ele é revoltado, desde pequeno... Eu não sei porque ele é assim... só procura malandragem... É muito difícil a minha vida de família... os meninos todos desobedientes... Não existe um jeito de dar um serviço assim pra trabalhar... Mas o que eu posso fazer por eles, eu faço. A gente é pobre, não pode dar uma vida *mió*, pra eles... Só espero que Deus vai fazer melhorar a minha vista de forma a eu poder trabalhar e ajudar o meu marido e com isso arrumar um lugar pra gente morar melhor, mais sossegado, criar estes meninos direito... O tipo de ajuda que eu queria é que me dessem um lote, pra molde eu poder criar esses meninos mais tranqüilo...”

1. CFM (Centro de Formação do Menor) é uma instituição aberta que assiste a menores de 14 aos 18 anos, desenvolvendo várias atividades de formação profissional.

## As expectativas da menor

“A minha mãe é uma pessoa superlegal. Se não fosse ela eu não estaria viva, não. A qualquer hora que eu precisar dela eu posso correr lá que eu terei comida, roupa limpa... Aquilo ali não me dispensa por nada...”

Com relação à família gostaria que fosse unida, tivessem sido criados juntos e que “não tivesse a vida que eu tive. Essa vida que eu levo não é vida pra ninguém, não...” Com relação ao filho que vai nascer, “pretendo dar tudo que eu não tive a ele. Assim que ele nascer pretendo trabalhar, arrumar um barraco pra mim, colocar ele na creche, durante o dia... à tarde eu pego... alugor um barraco pra mim...”

Perguntada como iria arrumar tudo isto, respondeu que “trabalhando”. Indagada, então, por que não fazia isto agora, antes do filho nascer, respondeu que “só depois...” Insistindo-se sobre a contradição, respondeu: “qualquer coisa, jogo a criança nas costas da coroa, pra poder se virar...” Perguntada por que não gosta de trabalhar, respondeu “que é porque não gosto que os outros mandem em mim... não preciso trabalhar, porque eu tenho o que eu quero... agora não quero, não... somente quando o meu filho nascer. Eu não vou tratar ele igual eu vivo na rua, não! A coisa que eu mais gosto na vida é curtir... do jeito que eu tou na rua, hoje, ninguém me perturbando, ou então junto da minha patota. Eu queria mesmo era as meninas de antigamente!... eram gente fina...” O que mais deseja na vida “é ter um lugar pra eu ficar... O resto não importa, não. Daqui alguns dias não vai mais ter jeito de dormir nos mocós. Quando eu tiver no sétimo mês, não dá mais, não...”



1. Refere-se à época em que existiu um bando de meninas de rua famoso em Goiânia, do qual fez parte.

## As histórias de vida do menor do subemprego

**N**o grupo de menores do subemprego foram entrevistadas as seguintes pessoas: três menores exercendo as seguintes atividades, cada um: fretista, jornalista e papeleiro); duas mães e dois pais. Primeiramente foram entrevistados os menores. Logo a seguir foram feitas consultas sobre a possibilidade de se entrevistar os respectivos pais e, somente após este procedimento, foi realizada a entrevista com a família.

### Caso 4

Menor: 13 anos  
Sexo: masculino  
Subemprego: fretista  
Início do trabalho: 10 anos

A escolha desta história foi totalmente aleatória. Desejava-se entrevistar um menor do subemprego que não tivesse nenhum contato com a Fundação de Promoção Social de Goiânia, ou seja, que fosse classificado na categoria “não-assistido”.

Soube-se que era muito frequente encontrar-se, nas feiras livres de Goiânia, menores que desempenham a atividade de fretistas (meninos que se utilizam de um carrinho de feira para transportar as compras de quem o deseja). Escolheu-se uma feira pelo dia e lá abordou-se o primeiro fretista que se encontrou. Conversou-se, inicialmente, para saber se gostaria de dar a entrevista e, depois, sobre a possibilidade de entrevistar sua família.

## Dados sobre a família (depoimento da mãe)

Idade da mãe: 40 anos  
Companheiro atual: É o segundo companheiro, com quem convive há sete anos, com ele tendo quatro filhos.  
*Número de filhos:* São 10 filhos. A mais velha tem 17 anos. Os seis mais velhos, incluindo o menor do subemprego, são do primeiro companheiro. A família, portanto, é composta de doze membros.

*Condições econômicas:* o companheiro é pedreiro, trabalhando por empreitada e retirando em torno de dois salários-mínimos. Existem duas filhas que trabalham nas redondezas como balconista e passageira, e dois filhos que são fretistas. Segundo a mãe, não dá para calcular ao certo a renda familiar, mas, segundo as suas estimativas, está em torno de quatro salários-mínimos.

*Condições de habitação:* a casa é modesta, localizada porém num bairro bem próximo do centro da cidade. Tem 3 cômodos, sendo o banheiro localizado fora de casa. O casal dorme na cozinha, num colchão que é estendido todas as noites. A casa possui um terreno grande, cheio de árvores frutíferas e pertence a um ex-cunhado da mãe (separado da irmã), que a deixa morar, por enquanto, pagando somente Cr\$ 2.000,00, ainda que, segundo afirmação da mãe, uma casa igual à deles, no bairro, não seria alugada por menos de Cr\$ 20.000,00.

## A trajetória da genitora até a constituição da família do menor do subemprego

### A infância

“Fui criada na roça, nem estudo tem... Meu pai sempre mexeu com a roça, eu também... era muito sofrido. Éramos treze irmãs... a minha infância não foi boa, não... Meu pai bebia muito, sem estudo, a gente vivia assombrada no meio da roça, sem saber o que fazer... Aí nós veio pra cidade... Eu tinha uns quinze anos. Nós deixou os velhos sozinhos, cada um traçou o seu rumo... Eu fui trabalhar de doméstica...” Parou de trabalhar, então, quando conheceu o primeiro companheiro.

## A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor no subemprego

### A primeira ligação amorosa

“Eu convivi primeiramente com um rapaz, é o pai dos seis filhos mais velhos... Tinha 16 anos... tive a menina mais velha. Quando ela nasceu eu ia completar 17 anos. Tive mais cinco filhos, nem sei porquê, não podia dar

certo. Era muito sistemático... nós vivia mal... bebia muito, judiava muito de mim... Aí um dia eu enfrentei ele... botei ele pra fora, fiquei uns tempos sozinha... mas compensou. Sofri demais... sozinha... alimentar tanto filho..."

## A segunda ligação amorosa

Disse que conheceu o segundo companheiro e que ele a convidou para morar com ele. No início ficou com receio, mas, como estava em dificuldades, aceitou. Disse que foi uma boa coisa que fez, ainda que a sua vida seja muito difícil. "Os meninos não gostam muito dele, não... ele é muito fechado, muito sem carinho com os meninos... Mas não judia, não, ele não é de maltratar nem de bater em ninguém. Às vezes, ele toma uns golinhos, diz besteiras, mas eu não ligo... ele é boa gente, é muito companheiro..."

## As condições de vida da família

Segundo a mãe, a sua vida sempre foi muito difícil, a começar pela instabilidade de moradia, uma vez que os aumentos de aluguéis impedem que ela continue no imóvel e "sabe como é, ninguém quer alugar pro pobre... O que mais desejo na vida é uma casa... não viver corrida... A gente está num aluguel, aí vem o dono, pede... se as crianças fazem uma arte aí vem o dono e diz que não quer mais alugar, porque a gente faz muito barulho... Eu só sei que a gente tem que ter o cantinho da gente, nem que seja uma maloqueira pra gente morar lá..." Comparando, todavia, a sua vida com a que tinha na roça, assim se expressou: "Na cidade tudo é mais fácil, tem muita gente com dó de mim, sabe o tanto de filho que a gente tem... É mais fácil por isso... um vem agrada com uma coisa, eu faço um servicinho aqui, lavo umas roupas ali, no final todos ajudam um pouco... meus filhos todos ajudam, no final tudo dá certo..."

## A educação dos filhos

"Agora, por exemplo, não tem nenhum estudando... porque no colégio que eles tavam não deixavam eles entrar sem a lista de material... não tenho condições... primeiro era uniforme — aí eu peguei e comprei uniformes; aí tinha lista de material... isso aí é muito triste... É o que digo pra eles: tem de dar jeito de trabalhar pra comprar material pra estudar... Mas eles é tudo bons meninos... só espero que seja honesto... É uma coisa que eu digo pra eles: não quero filhos meu corrido da polícia... prefiro ver um filho morto do que ver um filho com caso com a polícia. Falo isso mesmo, falo de coração... porque na minha família não existe gente vagabundo, tudo são pobre, pobre mesmo de não ter onde morar, mas tudo honesto, tudo gente trabalhadora... mas, pelo menos até agora... graças a Deus, nenhum deu encrenca... todos trabalham, até os miudinhos carrega coisa pros vizinhos,

ajuda lá na venda, ganha o seu dinheirinho. O marido também dá bons exemplos... é trabalhador que é danado. Agora, dá trabalho tanto filho... a gente controla eles, é uma gritaria, tem de ser... tem horas que eu fico doida... briga com um, faz um agrado no outro, é uma ciúmeira... e tem os problemas de comida, de casa..."

## O ingresso do menor no subemprego (a visão da mãe)

"Sabe, a vida de pobre só vive com ajuda... os filhos aqui em casa sabe disso... Eu acho ele um menino bom, educado... muito calado, mas muito amigo... Eu acho que ele viu tanta dificuldade e resolveu ajudar... Um dia, ele era ainda mais menino, já faz tempo... Ele chegou perto de mim e pediu um carrinho de feira... era pra ir junto com os coleguinhas ganhar um dinheirinho... Eu me virei como pude, pedi ali, ajuda aqui, eu consegui um carrinho já velhinho, mas bom... Ele ficou tão feliz, eu também... é mais uma ajuda..."

## O ingresso do menor no subemprego (a visão do menor)

Obs.: O menor é bem calado e tímido e tem certa dificuldade de se expressar, pois gaguejava um pouco. Por isto mesmo a transcrição da entrevista ficou um pouco prejudicada, uma vez que ele tendia a responder de uma forma monossilábica.

Com relação ao começo de suas atividades, disse que quando estava com aproximadamente 10 anos conheceu um vizinho que trabalhava na feira e que lhe disse que era muito bom, pois dava para ganhar um dinheirinho, brincar com o carrinho, comer fruta. Então ele contou para a mãe os seus planos e pediu-lhe para ajudá-lo a comprar o carrinho. A mãe arrumou o carrinho e ele começou a trabalhar.

## A trajetória do menor: do início do trabalho até o momento atual

## A vida do menor do subemprego (a visão da mãe)

"Eu acho ele só muito calado... não sei se eu acho que é porque ele não conhece o pai, é um menino

sofrido... fica a maior parte do tempo dentro de casa, jogando bola com os irmãos e vizinhos, ouvindo o gravadorzinho dele... Ele comprou com o dinheirinho dele... tá todo prosa... Agora, é um menino amigo, a qualquer hora do dia e da noite que a gente precise, pode contar com ele... Ele é trabalhador, ajuda, a escola parece que ele não tem jeito, não, não sei, não gosta, não aceita, acho que dá preguiça...”

## A vida do menor do subemprego (a visão do menor)

Disse que todos os dias acorda às 05:00 horas da manhã, toma café e sai para a feira. Normalmente frequenta as feiras que lhe permitem chegar a pé, uma vez que não pode entrar no ônibus de carrinho. Em média, ele percorre a distância entre as feiras e a sua casa em aproximadamente uma hora e meia. Quando chega à feira, ajuda os barraqueiros a armarem as suas barracas e a transportar a mercadoria e depois, no final da feira, ajuda-os também. Com isto já garante uma gratificação inicial. O rendimento médio que retira por feira é de Cr\$ 300,00, sendo que normalmente dá Cr\$ 200,00 para a mãe e o restante junta para comprar roupa. Durante a feira consegue sempre comer alguma coisa, prestando um favor ou outro para os barraqueiros. Normalmente, termina as suas atividades entre as 12 e 13 horas, chegando em casa a partir das 14 horas.

Após chegar em casa almoça e deita-se um pouco para descansar. Por volta das 17:30 horas levanta, toma banho e fica esperando o jantar.

O horário da escola é das 19:30 às 22:30 horas. Entretanto, confessou que há muito tempo não frequenta, porque não tem vontade. Disse que estaria na 2ª série, mas que abandonou. Prefere conversar com os amigos, ver televisão e dormir, porque acorda muito cedo.

Quanto a diversões gosta de jogar bola e ir para as festas, principalmente às sextas-feiras, no clube perto de sua casa. Gosta muito também de escutar música.

## A perspectiva temporal futura

### A visão da mãe

“Eu espero que não só ele, mas que eles não me dêem uma tristeza maior, sejam todos honestos, assim como eu fui toda a vida com os meus pais. Eu quero é que eles ajudem a sair do buraco. Não tenho nada a reclamar deles. Eles todos são muito carinhosos, eu também... É o que a gente tem... o futuro que eu tenho agora são os meus filhos... Mas eles sabem que a vida

da gente é difícil: um dia falta uma coisa, apanha um quilo de arroz emprestado aqui, um copo de óleo ali, acaba um trem, acaba outro, tem dias que um quilo de arroz é pouco, tem que inteirar com macarrão. Mas eles ajudam... tem dia que eu fico doida, aí eles arrumam tudo, fazem a comida, diz pra eu sair... mas, que nada... a minha distração é eles. Por isso eu dou graças a Deus... quando tá tudo ruim, vem um filho compra uma coisinha, é um alívio... Às vezes eles saem pra festas, eu fico preocupada... A hora que eles chega já é uma diversão pra mim... hora que tá tudo dormindo eu fico satisfeita. Eu espero que seja sempre assim...”

## A experiência do menor

Até agora não decidiu o que pretende fazer na vida, pois não sabe se quer estudar. Acha que o que importa é continuar trabalhando. Disse que não pretende sair de casa, nem para viajar, porque gosta muito de sua casa. Disse também que o futuro é continuar ganhando o dinheiro dele: “é pouco, mas é bom... se der pra continuar tá bom...”

### Caso 5

Menor: 15 anos  
Sexo: masculino  
Subemprego: jornaleiro  
Início do trabalho: 14 anos  
1º trabalho: 13 anos — fretista

A escolha deste menor foi por sorteio. Dentre os jornaleiros cadastrados na Fundação de Promoção Social este foi sorteado, contatado na hora do almoço no CPT<sup>1</sup>, entrevistado e consultado sobre a possibilidade de se realizar uma entrevista com a família.

## Dados sobre a família (depoimento do pai e da mãe)

Idade da mãe: 38 anos  
Idade do pai: 42 anos

1. CPT (Casa do Pequeno Trabalhador) é um órgão da Fundação de Promoção Social de Goiânia que dá apoio ao menor do subemprego

*Número de filhos:* uma menina: 16 anos  
um menino (jornaleiro): 15 anos

*Casamento:* 1971

*Condições econômicas:* o pai trabalha como cobrador numa empresa de ônibus, percebendo em torno de dois salários-mínimos; a mãe trabalha numa indústria de confecção de roupas, ganhando dois salários-mínimos.

*Condições de habitação:* a família habita uma casa de 5 cômodos, própria, de alvenaria, num bairro popular de Goiânia, distante uns 40 minutos do Centro. A casa possui um pequeno terreno no fundo, onde existe uma horta bem cuidada.

A casa é muito simples, mas, tendo em vista o número de ocupantes, dispõe de um conforto razoável.

## A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor do subemprego

### A infância da mãe

Eram sete irmãos (cinco homens e duas mulheres), o pai lavrador e a mãe doméstica. Desde cedo, começou a trabalhar na fazenda, permanecendo até os 10 anos em companhia dos pais, até que foi trabalhar como doméstica, sozinha, numa fazenda em outra cidade.

Sobre este tempo, relatou: "Acho que nem tive infância... trabalhava muito, era demais... eu levantava muito cedo, tinha que fazer o café, dormia muito tarde". Aos 14 anos veio com a mesma família para Goiânia: "Aí melhorou um pouco mais, já tinha horário... na roça era demais, não fazia outra coisa senão trabalhar. Na cidade as coisas melhoraram..."

Disse que continuou trabalhando de doméstica para essa família que, às vezes, passava os fins-de-semana e as férias numa fazenda numa cidade perto. Foi aí que conheceu o marido, namorou e casou aos 19 anos.

### A infância do pai

"A minha infância foi terrível... trabalhava muito na fazenda, ajudava meu pai em consertos de curral, cerca, arame. Quando eu tinha 12 anos comecei a tomar conta do serviço pra ele. Eu já trabalhava como gente grande. Nós éramos três irmãos homem, mas o velho não deixava a gente sair de jeito nenhum... Só comecei a ir a festinha depois de 18 anos... em 71 casei. Aí eu já ia batalhar por nossa conta. Nós morava na cidade,

mas de vez em quando eu tinha que ir para a fazenda fazer um servicinho. Depois que arrumei um emprego no transporte, aí é que as coisas melhorou um pouco. Tenho saudade da vida no interior, porque a gente trabalhava de segunda a sexta, era duro, agora, sábado e domingo fomos dar uma pescadinha, descanso... aqui não tem feriado, sábado, domingo..."

## A trajetória da família: da sua constituição ao início do trabalho do menor no subemprego

### A trajetória do casal

No início disseram que foi muito difícil, porque tinham que pagar o aluguel caro. Quando o marido conseguiu o emprego de cobrador e a mãe começou a costurar, aí as coisas melhoraram. Mas, assim mesmo, acham que trabalham muito e ganham muito pouco.

O pai assim relatou a sua rotina diária atualmente: "o relógio desperta às 03:20 horas da manhã; às 03:50 horas o carro passa para me apanhar. Chego na garagem, apinho o carro e começo a rodar. Tem dias que paro às 13:00 horas, tem dias que paro às 16:00 horas. Depois que paro vou para a garagem levar o dinheiro; gasto mais uma hora e meia. Nos dias que paro cedo, chego em casa às 15:00 horas, nos outros dias, por volta das 18:00 horas. Nós temos dez minutos para almoçar. Se não almoçar, frio mesmo, tem que completar o almoço na outra viagem. Depois que eu desperto, eu boto o relógio para despertar às 05:20 horas, para acordar a minha mulher..."

A mãe relatou, então, a sua jornada de trabalho atual: "eu pego o ônibus às 06:00 horas, entro às 07:00 horas e saio às 12:00 horas para almoçar. Retorno às 13:30 horas e termino às 17:20 horas. Chego às 18:30 horas e termino o jantar que a filha já começou e preparo o almoço meu e do meu marido pro dia seguinte. No sábado, eu levanto às 06:00 horas pra cuidar da casa, lavar as roupas da semana que a filha deixou pra lavar. Pensando bem, em casa eu trabalho mais que lá no serviço... a gente que é dona de casa tem sempre uma coisinha pra fazer. A menina toma conta da casa de segunda a sexta... sábado e domingo é por minha conta. A minha filha estuda de manhã, chega, cuida de fazer o almoço pra ela, à tarde ela dá um jeito na casa e começa a preparar o jantar".

### A educação do menor

Na época em que eles eram pequenos a mãe trabalhava em artesanato de costura, primeiro na sua casa e

depois em sociedade com uma vizinha, bem perto de sua casa. Ela disse que os filhos “nunca deram problemas, sempre foram tranquilos e sempre por perto de casa... isto é muito importante...”

Diz que sempre deu duro para o menino estudar e que ele ficou um período sem ir à escola, mas que agora está tomando juízo, pois voltou a frequentar o colégio.

## O ingresso do menor no subemprego (a visão da mãe)

“Há uns dois anos ele fez uma carrocinha para fazer frete na feira, por conta própria. Aí nós vimos que era melhor deixar, mas ficamos preocupados... Fica na rua sozinho, pode cheirar esses trem, eu queria mesmo que ele entrasse para a guarda-mirim!... Eu fui me informar, não tinha vaga... Aí eu falei com meu filho e ele concordou em sair da feira. Eu disse a ele que a gente ia arrumar uma coisa... ele disse então que queria ser jornalista. Aí um dia que nós ia inscrever ele como jornalista, apareceu a vaga na guarda-mirim, mas ele entrou de má-vontade, porque dizia que os colegas ganhavam mais vendendo jornal. Tanto assim que começou a faltar e tempos depois nós recebemos carta lá do serviço dizendo que ele estava dispensado da guarda-mirim, por falta... Eu acho que o serviço de guarda-mirim é melhor que o de jornalista. Ele agora fica muito livre na rua, tem contato com muita gente... Ele trabalhava somente três horas e tudo o que precisava tinha lá”.

A propósito deste assunto, o pai também confirmou que achava a guarda-mirim muito melhor, “porque mais tarde ele poderia ser um profissional: se ele ficasse lá até completar 17 anos, primeiro faria um curso de datilografia e depois ia para outro órgão. Eu estava preocupado não era com o presente, mas sim com o futuro. Achava que seria bem melhor do que vender jornal, que não tem futuro algum a não ser ganhar uns troquinhos. Aliás, eu acho essa questão de futuro fundamental. A minha filha, por exemplo, só estuda... ela podia trabalhar como doméstica, não adianta nada, não aprende nada, também... hoje em dia tem que ter futuro...”

## A visão do menor

Começou a trabalhar no carrinho de feira, mas como a mãe não gostava, teve que sair. Consegui

uma vaga na guarda-mirim mas não gostava e, por isso, arranhou de ser jornalista...

## A trajetória do menor: do início do trabalho até o momento atual

### A vida do menor no subemprego (a visão do menor)

Diz que levanta às 03:30 horas da manhã e sai com o pai. Às 05:30 horas chega na distribuidora dos jornais para apanhá-los. Atualmente apanha quinze jornais. Apresenta então uma carteirinha da Fundação de Promoção Social de Goiânia e não precisa pagar adiantado ou deixar um depósito. Chega às 07:00 horas no terminal ferroviário, que é o seu ponto de vendas. Vendendo tudo recebe Cr\$ 140,00, já que cada jornal custa Cr\$ 40,00 e ele recebe 20% de comissão. Termina de vender às 10:30 horas e vai para a CPT, onde acerta as contas das vendas. Terminado, pode almoçar. A Fundação dá uniforme, almoço e bola para eles se distraírem num campo que existe lá. Depois do almoço vai para casa, toma banho e vai para o colégio: das 13:00 às 17:00 horas. Atualmente está na 4ª série do 1º grau e está atrasado porque parou de estudar uns anos; segundo ele, “estava muito chato...” Depois do colégio vai bater papo com os colegas na porta de casa.

Com relação ao que ganha, mencionou: “do dinheiro que eu ganho, dou primeiro pra minha mãe, o que sobra serve pra comprar qualquer coisa, comprar roupa... Se a minha mãe tiver apertada eu dou todo o dinheiro pra ela. Depois de uma semana de trabalho eu fico com uns Cr\$ 200,00 e dou pra minha mãe uns Cr\$ 500,00 ou Cr\$ 600,00...”

### A visão dos pais

A mãe se diz preocupada com as atividades atuais do filho: “a gente tem medo das más companhias: os colegas daqui a gente conhece, mas os outros que vende jornal, a gente não sabe... Mas eu acho o meu filho um bom menino... Ele me dá toda semana um pouco do dinheiro, eu recebo, porque qualquer ajuda é sempre boa”.

O pai também falou das suas preocupações: “Eu trabalho nesse serviço de ônibus, a gente vai vendo o que acontece dentro do ônibus, eu acho que esses problemas a gente não vai ter... O meu filho, nem fumar, fuma... eu não sei, acho que esse problema a gente não vai ter, não”.

1. Guarda-mirim é um programa desenvolvido pela Fundação de Promoção Social. O menor quando ingressa tem direito a uniforme, almoço e meio salário-mínimo de remuneração.

# A perspectiva temporal futura

## A visão do menor

Quanto ao futuro, ainda não tem muita certeza, mas gostaria de ser caminhoneiro. Se pudesse, voltava a morar na fazenda de sua madrinha, numa cidade do interior.

## A visão dos pais

A mãe gostaria de ter um lugar melhor para morar e, em relação aos filhos, gostaria “é que eles tem estudo melhor, arrumem um emprego melhor, pra não dar duro igualzinho eu e o pai deles...”

Já o pai, assim se referiu:

“Às vezes os meninos ficam revoltados, ainda não fez o banheiro, ainda não fez aquilo, mas com o meu salário não dá... A minha mulher agora voltou a trabalhar. Talvez este ano dá pra gente tampar aqui e fazer mais uma peça...”

Em relação aos filhos, falou: “... é ter um trabalho, mas não ficar igual a nós, sem aquele futuro, tendo um pouquinho como nós... Tendo um estudo, uma profissão, tudo fica bem... é isso que eu espero que aconteça”.

## Caso 6

Menor: 15 anos  
Sexo: masculino  
Subemprego: papeleiro  
Início do trabalho: 12 anos  
1º trabalho: 9 anos — vendedor de doces

A escolha deste menor foi por sorteio. Dentre os papeleiros cadastrados na Fundação de Promoção Social este foi sorteado, contatado na hora do almoço no CPT, entrevistado e consultado sobre a possibilidade de se realizar uma entrevista com a família.

## Dados sobre a família (depoimento do pai)

Idade do pai: 44 anos

Idade da mãe: 37 anos  
Tempo de casados: 19 anos  
Obs.: A mãe se encontrava ausente (estava no trabalho)

*Número de filhos:* um menino (papeleiro): 15 anos  
uma menina: 11 anos  
um menino: 9 anos

*Condições econômicas:* durante o dia o pai trabalha de servente de pedreiro, como biscateiro e à noite de vigia noturno, percebendo em média dois salários-mínimos. A mãe trabalha na limpeza urbana e ganha também dois salários-mínimos.

*Condições de habitação:* a família habita uma casa de alvenaria, própria, com 5 cômodos, sem muitos móveis, com um grande terreno, todo arborizado, localizado num bairro popular muito afastado do centro. A casa é mal cuidada, mas, tendo em vista o número de habitantes, não é muito desconfortável.

## A trajetória do pai até a constituição da família

### O histórico do pai: da infância ao casamento

Foi criado num colégio de freiras no interior do Paraná até a idade de 11 anos. Não conheceu nem pai nem mãe. Foi empregado, através do colégio, numa firma de calçados, até completar 18 anos, quando foi servir no Exército. Depois que deu baixa, ficou quatro anos trabalhando na Rodoviária de Curitiba e, mais tarde, foi para o comércio. A seguir, mudou-se para São Paulo, onde permaneceu três anos trabalhando na lavoura: “mexendo com algodão”. Chegou em Goiás em 1971 e foi trabalhar na construção civil, quando conheceu a companheira.

### A ligação afetiva

“Ela era empregada doméstica de uma casa ao lado da construção onde eu trabalhava na época. Aí nós conversamos até que chegamos ao ponto de vivermos juntos... Foi mais ou menos dois anos que eu estava em Goiânia. Aí ela me levou na casa da irmã dela e eles ficaram de acordo, porque ela vivia sozinha. Inclusive eles arranjaram um cômodo para nós morar, porque a gente era fraco, não tinha nada... Ela já tinha um filho, quando nós passamos a morar juntos... O menino ainda não tinha um ano de idade... a cunhada criou ele...”

# A trajetória da família: da sua constituição ao ingresso do menor no subemprego

## As condições de vida familiar

Em 1979 ele e a companheira entraram para a Companhia de Limpeza Urbana e as coisas começaram a melhorar, porque antes estava muito difícil. “O menino na época era pequeno, ficava em casa com as outras crianças, os filhos da minha cunhada... até o irmão por parte da mãe... Mas, não estava dando certo, não, era muita confusão. Aí nós saímos da casa do cunhado quando consegui comprar o lugar onde atualmente moramos. Compramos o terreno e construímos um barraquinho, até construir a casa. Nesta época a gente saía às 05:00 horas da manhã e voltávamos às 08:00 da noite... De manhã, quando nós saía, nós deixava o café pronto, deixava o dinheiro, aí eles ia e comprava um pão pra eles... Só ficavam os dois mais velhos... o menino tinha uns 9 anos...”

## O ingresso do menor no subemprego (a visão do pai)

“Primeiramente ele começou a vender doce aqui perto de onde a gente mora, é um terminal de ônibus... Ele arrumou de trabalhar pra fábrica de doces... depois ele ia pro Centro. Foi ele mesmo que resolveu, via os outros meninos... Aí então os colegas dele arrumaram pra ele... ele trabalhou nisso de 9 aos 12 anos. Depois ele começou a mexer com papel, não sei como ele arranjou esse serviço. A gente via sempre o exemplo dos meninos catadores de papel, porque a gente trabalhava na rua, a gente via... Mas ele dizia pra gente que como ele era pequeno não podia arrumar outro serviço. Nós também não tinha tempo de arrumar serviço pra ele. Nós acha o serviço perigoso e até malvisto. Já aconteceu do carro bater no carrinho dele... eu não gosto do serviço que ele faz... Todo mundo diz que catador de papel pode até se tornar marginal...”

## A visão do menor

Disse que em conversa com os vizinhos resolveu vender doces para ver se conseguia algum dinheiro. Ficou um tempo lá, mas não estava dando muito lucro, porque tinha dias que não vendia quase nada, e

ainda gastava com transporte e alimentação. Foi então que descobriu o trabalho de papeleiro, porque o colega disse que estavam precisando de gente no depósito e ganhava muito mais. Devia ter uns 12 para 13 anos quando começou a trabalhar como papeleiro.

## A trajetória do menor: do seu ingresso no mercado do subemprego até o momento atual

### As condições de vida do menor (a visão do menor)

Disse que acorda às 04:50 horas, toma o ônibus às 05:30 horas, vai para o depósito de papel apanhar o carrinho e, em seguida, se dirige para a rua a fim de catar papel. Às 11:00 horas vem para a CPT para almoçar, pratica um esporte e volta às 13:00 horas para recomeçar o trabalho de catar papel. Às 17:00 horas retorna ao depósito, pesa o que recolheu, recebe o pagamento e, às 17:30 horas pega o ônibus, chegando em casa por volta das 19:30 horas. Quando está muito cansado dorme no depósito mesmo, porque “gasta menos em condução e é mais mió...”

Recebe Cr\$ 1,50 por quilo de papel recolhido. Em média, consegue recolher até 300 quilos de papel por dia. “Dá pra ganhar uns Cr\$ 1.000,00 por dia, Cr\$ 5.000,00 por semana”.

Do dinheiro que ganha, “fica tudo pra mim... tô dando duro, tô juntando pra comprar um gravador... só falta uns Cr\$ 10.000,00...”

Quando vai para casa depois que chega, toma banho, vê televisão e vai dormir. Quanto aos estudos, diz ter parado na 2ª série, quando tinha 12 anos. “Eu estudava, agora parei, não compensa, não... é ruim demais, não gosto, não...”

Depois de algum tempo de conversa disse que gostava de cheirar cola com os colegas e que faz uns pequenos roubos: “a gente se vira... rouba uns vasilhão, uns alumínio, é bom que custa Cr\$ 30,00 o quilo... dá pra tirar uns Cr\$ 500,00 por dia, fora o do papel...”

## A visão do pai

“Eu peço, a mãe dele pede, pra largar disso... Ele diz que não estudou pra arrumar outra ocupa-

ção... Ele de vez em quando compra um gás, eu acho ele um bom filho. A única coisa que não me agrada é esta situação de papeleiro... Um dia nós fomos lá na Alameda Botafogo e conversei com o patrão dele. Ele falou que o dia que ele não viesse pra casa é porque iria dormir no depósito... é que ele ficava até mais tarde carregando os caminhões de papel, que não precisa a gente se preocupar... Aí a gente ficou mais tranqüilo, mas, é isso, o filho tá crescendo, a gente não pode ir atrás dele, mesmo porque a gente não sabe onde ele está. Eu tô vendo que demos excesso de liberdade pra ele... desde que ele começou a trabalhar, vendendo doce, nós devíamos ter controlado mais... inclusive ele nem contribuía para a casa... ele falava que não vendia, ficava com o dinheiro, tudo isso nós tinha que controlar, antes... tô vendo que tudo isso foi excesso de liberdade e agora pra corrigir vai ser mais difícil..."

## A perspectiva temporal futura

### A visão do pai

"O que falta é a regeneração do menino... tem dia que ele não vem pra casa, a gente fica preocupado, ele é um menino simples, obediente, nós temos que tentar tirar ele desse serviço.. Se ele fosse um menino que se interessasse pelos estudos, eu preferia que ele estudasse, pelo menos até um determinado período..."

### A visão do menor

Diz que não sabe o que vai fazer da vida, só sabe que não quer estudar. "Por enquanto, a vida tá boa... depois, a gente vê..."

